

**Comissão
Brasileira de
Ufólogos (CBU)**

UFOs: Liberdade de Informações Já

Matéria publicada na Revista UFO, edições 141 e 142, de abril e maio de 2008.

© Revista UFO. Todos os direitos reservados.

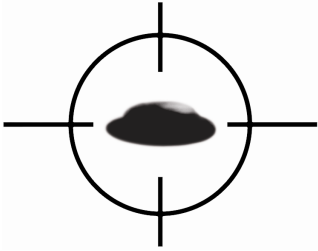
Entrevista com brigadeiro José Carlos Pereira, ex-comandante do Comdabra: “É hora de encerrar o segredo sobre os UFOs”

Entrevista concedida a A. J. Gevaerd, Fernando de Aragão Ramalho e Roberto Affonso Beck, integrantes da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU) e da Revista UFO

A seção *Mensagem do Editor* da edição passada foi publicada com o título *Militares Confrontados Pelos Ufólogos se Contradizem Sobre os UFOs*, comentando o fato de que autoridades das Forças Armadas têm repetidamente dado declarações infelizes e desencontradas sobre o tema. O personagem central da questão, agora, era o brigadeiro José Carlos Pereira, que, confrontado com as afirmações dadas por este editor em entrevista ao site *O Globo Online*, em 29 de janeiro – de que a Aeronáutica teria centenas de registros de ocorrências ufológicas no País –, teve uma reação inusitada. Embora confirmasse a existência dos arquivos secretos sobre UFOs em poder da Aeronáutica, Pereira disse que “*todos sabem que os discos voadores não existem*”, garantindo também que “*os ufólogos vão se decepcionar com os registros*”. Foi uma grande surpresa para os estudiosos do Fenômeno UFO no País, que tinham Pereira como uma das figuras mais favoráveis à realidade da presença alienígena no meio militar brasileiro.

A certeza dos ufólogos quanto à intimidade do brigadeiro com discos voadores decorre de alguns posicionamentos que o militar adotou publicamente no passado, de franca receptividade, atenção e até mesmo de interesse pelo assunto. Pereira é, de longe, o membro de nossas Forças Armadas que mais se pronuncia sobre o Fenômeno UFO. Tanto que, em entrevista ao deputado Celso Russomanno, apresentada no programa *Circuito Night And Day*, em 19 de janeiro de 2002, o militar chegou a mostrar no ar um livro de registros de casos ufológicos mantido na sede do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (Comdabra), em Brasília, órgão que comandou. Apenas naquele ano, o livro contava com mais de 90 episódios de “tráfego hotel” sobre o País, como são chamados pelos militares os casos de UFOs captados por radar. Pereira apenas não permitiu a Russomanno que abrisse o livro diante das câmeras, por ser confidencial.

Outra circunstância já bem conhecida de todos ocorreu durante o encontro oficial – e inédito –



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

que os integrantes da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU) tiveram com militares da Aeronáutica, em 20 de maio de 2005. No fim do encontro, que durou quase cinco horas, o próprio brigadeiro José Carlos Pereira escoltou os ufólogos até a saída do prédio do Comdabra. Durante a despedida, ao ser apresentado com alguns exemplares da Revista UFO, falou: “Agradeço o brinde, mas informo que sempre compro a publicação nas bancas de Brasília”. Informalmente, e sem qualquer restrição, Pereira confirmou aos ufólogos seu grande interesse e elevado nível de informação sobre o assunto. Assim, diante de um posicionamento como este, sou contraditório, para dizer o mínimo, que o brigadeiro tenha dado a inusitada declaração ao *O Globo Online*, em resposta à afirmação de que a Aeronáutica tem mesmo arquivos secretos sobre UFOs.

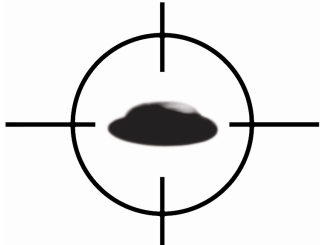
Desvendando a contradição

“Não é fácil para os militares admitirem sua inoperância e falta de capacidade de controlar nosso espaço aéreo, quando os ‘invasores’ são discos voadores”, declarou Marco Antonio Petit, co-editor da Revista UFO, tentando entender a manifestação negativa de Pereira. “O brigadeiro pode ter sido instruído a reverter seus depoimentos favoráveis ao Fenômeno UFO, dados anteriormente, numa tentativa de esconder importantes documentos”, analisou Fernando de Aragão Ramalho, conselheiro especial da publicação. Pode ser, mas o fato é que o desapontamento dos estudiosos com a resposta do militar ao *O Globo Online* tinha uma justificativa clara. É de conhecimento geral da Ufologia Brasileira que, se alguém na hierarquia militar tem informações concretas sobre a existência e materialidade dos UFOs, além de sua procedência inquestionavelmente extraterrestre, este alguém é ninguém menos do que o brigadeiro José Carlos Pereira. Até tempos atrás,

aliás, ele nem sequer fazia questão de esconder o que os militares sabiam sobre o assunto.

E foi assim, neste clima de surpresa e perplexidade na Comunidade Ufológica Brasileira, que a edição UFO 140 foi lançada no começo de março estampando a matéria *Militares Confrontados Pelos Ufólogos se Contradizem Sobre os UFOs*. Porém, quase simultaneamente à chegada da edição às bancas, a situação se reverteu drasticamente, quando, para nossa surpresa, o brigadeiro José Carlos Pereira aceitou conceder uma entrevista exclusiva à Equipe UFO, na qual mostraria a realidade dos fatos. A entrevista se concretizou em 08 de março, em Brasília, e ofereceu a oportunidade ímpar, para a Ufologia Brasileira, de esclarecer definitivamente a posição do militar quanto ao assunto. Mais do que isso, permitiu a todos conhecer em detalhes seu pensamento sobre diversos aspectos relativos ao Fenômeno UFO, notadamente no que se refere à Aeronáutica, à Segurança Nacional e as reações que o meio militar brasileiro tem quanto ao tema. Foi um diálogo histórico e significativo para desfazer por completo o mal-estar anterior.

“Estou inteiramente à disposição dos ufólogos da Revista UFO e será um prazer atendê-los a qualquer instante”, declarou Pereira ao aceitar o convite, formulado em nome da Equipe UFO por Fernando Ramalho, que também se surpreendeu com a receptividade do militar. “Pensei que fosse ter que convencer o brigadeiro da importância que suas declarações têm para os ufólogos brasileiros, mas não foi necessário, pois ele estava ciente disso e queria realmente colaborar”, disse Ramalho. “Sempre respeitei o trabalho desta publicação e desejo contribuir para o movimento que ela realiza, visando à liberdade de informação ufológica no País”. Mesmo dias antes de definida a data da entrevista, já se estimava que ela teria, após publicada, impacto semelhante à outra ocasião histórica da Ufologia Brasileira, em que a Revista UFO tam-



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

bém esteve diretamente envolvida: a entrevista com o coronel Uyrangê Hollanda, em 1997, onze anos atrás. Para a publicação, esta seria a oportunidade não somente de conhecer as idéias de um dos mais brilhantes militares do País, mas também de atraí-lo para o movimento *UFOs: Liberdade de Informação Já*, o que foi feito. “*É hora de serem liberados todos os segredos sobre este assunto no Brasil, estejam em que bases aéreas estiverem, e vou trabalhar para isso*”, declarou.

Toneladas de documentos

Como se verá na entrevista, o brigadeiro Pereira chegou a mencionar que, há poucos anos, quando foram destruídos documentos secretos da época da Ditadura Militar na Base Aérea de Salvador, ele determinou que todos os que restaram fossem centralizados em Brasília, e isso teria resultado em mais de 14 toneladas de papel. “*Quanto disso o senhor estima que sejam documentos ufológicos?*”, perguntei ao militar. “*Não posso dizer com precisão, mas não é pouca coisa*”. Pouco a pouco, na entrevista, que teve mais de 100 perguntas e durou cerca de quatro horas, o militar foi mostrando a seriedade com que vê o assunto e sua pesquisa, e confiou aos entrevistadores – este editor e os conselheiros especiais da Revista UFO Roberto Affonso Beck e Fernando de Aragão Ramalho – importantes informações. A entrevista será publicada em duas partes, nesta e na próxima edição.

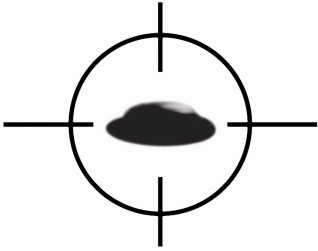
O brigadeiro José Carlos Pereira falou abertamente sobre todos os assuntos abordados, não se esquivando de qualquer pergunta formulada. “*Pre-tendo conversar com meus colegas de farda e me informar sobre qual é exatamente o clima hoje dos quartéis e bases aéreas, e buscar trazer o apoio de alguns deles ao trabalho de vocês*”, ofereceu antes mesmo de ser solicitado a fazê-lo. Sua ajuda será mais do que bem-vinda e chegará num momento

crucial para a campanha *UFOs: Liberdade de Informação Já*. Ao longo da sabatina, Pereira falou da segurança do espaço aéreo brasileiro, das infiltrações que a Nação sofre de objetos não identificados, da Noite Oficial dos UFOs no Brasil, da Operação Prato e de seu comandante, e até descreveu alguns episódios ufológicos que desconhecíamos. “*Hollanda era um homem sério e de resultados, diligente e respeitado por todos*”, disse Pereira, confirmando o que os ufólogos sempre souberam, mas não tinham como garantir – que de fato a Operação Prato resultou em mais de 2.000 páginas de documentos, além das já sabidas mais de 500 fotos e 16 horas de filme. Sobre o Caso Varginha, no entanto, alegou nada saber além do que leu na imprensa e na Revista UFO, e pareceu sincero. Afinal, o caso pertence a outra Arma, o Exército.

Membro da elite militar

Mas quem é o brigadeiro José Carlos Pereira? Este não é um militar qualquer. Nascido em Salvador (BA), Pereira ingressou na Força Aérea Brasileira (FAB) em março de 1958 e passou para a reserva em julho de 2005, ocupando todos os principais postos da hierarquia militar daquela Arma, inclusive o mais alto da carreira. Formou-se oficial em dezembro de 1963 e realizou inúmeros cursos na área, entre eles o de formação de oficial-aviador, de táticas aéreas, de comando e de Estado-Maior. É um dos maiores especialistas do País em políticas e estratégias aeroespaciais. Pereira foi também piloto de caça, de transporte e de operações aéreas especiais, além de pára-quedista militar. Voou dezenas de tipos de aeronaves em todo o mundo, por mais de quatro décadas. “*Vocês não podem imaginar como é lindo e inusitado o pôr-do-Sol sobre o oceano, a mais de 13 km de altitude*”, declarou aos entrevistadores.

Pereira exerceu importantes funções da engrenagem militar brasileira, entre as quais a de co-



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

mandante de esquadrão de suprimento, manutenção e infra-estrutura, de oficial de operações e comandante de Unidade Aérea de Instrução de Caça, de comandante de bases aéreas e oficial de Estado-Maior nas áreas de pessoal e operações. Teve distingüida atuação na área de Inteligência Militar, sendo oficial do gabinete militar da Presidência da República e oficial de Inteligência no Estado-Maior da Junta Interamericana de Defesa, em Washington, Estados Unidos. Como general, Pereira foi ainda chefe de logística e mobilização do Estado-Maior das Forças Armadas, presidente da Comissão Nacional do Serviço Militar, comandante da Academia da Força Aérea (AFA) e chefe de Estado-Maior do Comando-Geral de Operações Aéreas.

Nos últimos 10 anos, o brigadeiro José Carlos Pereira foi ainda comandante de operações da Força Aérea Brasileira (FAB), tendo 13 generais e um total de 27 mil homens subordinados a ele. De 1999 a 2001, foi comandante-geral de Operações Aéreas e do Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (Comdabra), órgão que já foi chamado de “Área 51 Brasileira”. Como se vê, não é nenhum exagero dizer que Pereira foi, durante um bom tempo, o guardião da chave do cofre onde estão os segredos ufológicos do País. Em 27 de março de 2006, já na reserva, o brigadeiro ainda tomou posse na presidência da Empresa Brasileira de Infra-Estrutura Aeroportuária (Infraero), nomeado pelo ministro Nelson Jobim em meio ao terrível caos aéreo que tomou conta da Nação. Com pulso firme, quase resolveu a crise, que, no entanto, persistiu por problemas maiores do que se pode supor. “Ninguém queria acabar com o problema, esta é a verdade”, declarou.

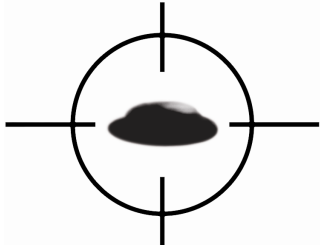
Abrindo o cofre

É difícil prever com exatidão qual será o impacto que as declarações de Pereira terão sobre a

Ufologia Brasileira, em especial sobre a campanha *UFOs: Liberdade de Informação Já*, mas ele será considerável. Nunca um militar de sua graduação falou tão abertamente sobre UFOs antes, e raros militares estrangeiros, em posições equivalentes nas forças armadas de seus países, chegaram perto de repetir seu gesto. Isso estimulou a Revista UFO a tentar estabelecer contatos com militares de semelhante estatura também da Marinha e do Exército, para que se busque deles o apoio que os ufólogos brasileiros precisam para atingir seus objetivos. E assim, gradativamente, vamos caminhando esta trilha, que nos levará um dia à liberdade de informação ufológica no Brasil, quando as autoridades não mais terão receio de reconhecer abertamente que não estamos sós no universo – pelo contrário, que estamos muito bem acompanhados. Uyrangê Hollanda deu sua contribuição, e, agora, José Carlos Pereira se soma a ele. Quem será o próximo?

UFO — *Brigadeiro, o senhor tem sido o militar brasileiro graduado que mais se manifesta sobre UFOs na imprensa, tendo dado várias entrevistas, quase sempre de uma maneira muito aberta, muito natural. A que se deve sua posição quanto ao assunto?*

Pereira — Eu acho que esta é uma questão de doutrina pessoal. Eu defendo a tese de que não pode e não deve existir assunto fechado para a humanidade. Um assunto, por mais extravagante e por mais bizarro que possa parecer, precisa ser sempre analisado e investigado. Galileu que o diga, Copérnico que o diga, e tanto outros cientistas que o digam. Então, acho que nem o ser humano, nem qualquer instituição têm o direito de fechar as portas para a discussão de qualquer assunto, seja de natureza científica, política, social ou religiosa. Nem mesmo para a Ufologia, que eu classifico no campo da ciência. Esta é uma visão pessoal minha, que mantenho até hoje.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

UFO — *Para manter este posicionamento aberto, o senhor já teve alguma experiência ufológica, ou seja, a observação de algum objeto que pudesse considerar que foge a uma explicação ordinária?*

Pereira — Como aviador, durante 40 anos, voei pelo mundo afora e vi muitas coisas, mas todas com alguma explicação científica. Vou dar um exemplo: quem já viveu a experiência de ver o pôr-do-Sol a 40 mil pés [*Cerca de 13 km*] sobre uma camada de nuvens cirrus, sabe que esta é uma coisa maravilhosa, que forma um reflexo verde no horizonte. Então, há coisas fantásticas por aí, mas com explicação imediata. Quem conhece um pouco de aviação e de meteorologia consegue entender o fato na hora. Quem não conhece, pode consultar depois e descobrirá a explicação. Desta forma, eu tive muitas visões estranhas, todas explicadas cientificamente. Mas há coisas para as quais eu não tenho explicação científica *ainda*, seja por desconhecimento ou ignorância minha, ou porque a ciência *ainda* não chegou ao ponto de esclarecê-las. Não tenham dúvida alguma quanto a isso: se há alguma coisa inexplicável hoje, um dia não será mais. Seja esta explicação algo que remete a uma natureza terrestre ou não.

UFO — *O senhor tem algum parente, comandado ou amigo que já relatou algum avistamento que possa ser enquadrado dentro da categoria dos discos voadores?*

Pereira — Olha, comandei muita gente na Força Aérea Brasileira (FAB) e várias vezes ouvi relatos de companheiros e pilotos. “*Hoje eu vi uma coisa estranha no céu*”, sempre alguém me dizia. Na maioria das vezes nós sentávamos para discutir, e geralmente encontrávamos alguma explicação para tais avistamentos. Mas esta pergunta tem relação com o que falei há pouco: por que nós não conseguimos explicar certas coisas? É porque *ainda*

não sabemos o que são, mas um dia saberemos [*Dando ênfase*].

UFO — *Mas algum desses fenômenos que permanecem inexplicados, seja por falta de compreensão de sua natureza agora ou no futuro, o senhor poderia considerar como tendo origem externa à Terra, algo que pudesse vir de fora?*

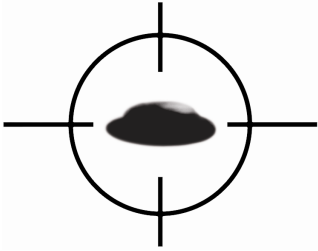
Pereira — Olha, é difícil você fazer uma afirmação dessa. Mas existem fenômenos que são mistério, que permanecem sem explicação. Vou citar um exemplo: um objeto que se move aparentemente sem propulsão e contra o vento, dá o que pensar, não dá?

UFO — *Sim, e os discos voadores fazem isso...*

Pereira — Um avião também faz isso, voa contra o vento, lógico. Agora, como explicar um balão, que não tem propulsão própria e é conduzido pelo vento, ir na direção contrária a ele? O primeiro passo é saber como flui o vento na altitude que o objeto está, e este é um dado sobre o qual temos controle, através da meteorologia. Por exemplo, eu sei exatamente qual é o vento numa determinada altitude e posso estimar se o balão está contra ele. Coisas desse tipo são questões que aparecem e não têm uma explicação no momento.

UFO — *Já foi dito que o senhor é dono da chave do cofre onde se encontram os segredos ufológicos brasileiros: documentos, fotos e filmes feitos em várias circunstâncias, por militares servindo em várias bases aéreas, às vezes acidentalmente, às vezes em missões secretas, como durante a Operação Prato. O que esses segredos revelariam?*

Pereira — Veja, eu sou um homem que trabalha com ciência, que tem um cérebro muito científico. Se você colocar a idéia de que seres extraterrestres estão aqui, que estão nos visitando e investigando, que estão fazendo alguma coisa que



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

nós não sabemos exatamente o que é, sua tese bate de frente e contraria completamente a razão científica. Sim, porque, até onde sabemos, no nosso Sistema Solar, pequenininho, não há qualquer indicação da existência de vida, exceto na Terra. Fora do nosso sistema, a estrela mais próxima é Alfa do Centauro, a 4,3 anos-luz de nós. A nave Voyager, por exemplo, que está há 30 anos no espaço, vai levar 93 mil anos para chegar próximo a Alfa do Centauro. Assim, é difícil imaginar que alguém ou alguma coisa pudesse chegar aqui na Terra, vindo de fora do Sistema Solar.

Conhecimento atual

UFO — *E se houvesse uma tecnologia muito mais avançada do que a nossa?*

Pereira — Sim, veja bem, eu estou pensando com o conhecimento que detemos *hoje* em nosso planeta, com o conhecimento que a nossa ciência atual possui. Esta é a ressalva que devemos fazer. Por isso, considerando apenas este conhecimento, eu nego toda e qualquer possibilidade de alguém vir de fora para cá. E a coisa se complica quando se vai mais longe, pois Alfa do Centauro não parece ser um sistema planetário. Vamos então para o local do universo que os astrônomos chamam de “zona habitável”, que parece estar a muitos anos-luz da Terra. Se sabemos que o Sol tem cerca de 5 bilhões de anos, quem estivesse num planeta lá na tal zona habitável, olhando para cá num telescópio, estaria vendo apenas a formação do Sol. Da mesma forma que, olhando hoje para uma galáxia a dezenas ou centenas de anos-luz da Terra, vamos ver coisas que aconteceram há muito tempo.

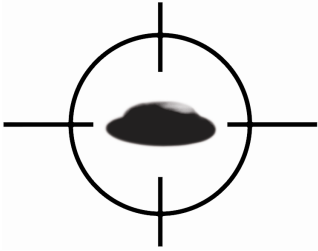
UFO — *Para o senhor, o entendimento desta situação estaria fora de nosso controle?*

Pereira — A questão, hoje, é o nível de tecnologia de que dispomos para entender o universo.

Eu não descarto que alguém possa ter avançado um bilhão de anos na nossa frente, em algum lugar. Por outro lado, com a tecnologia que nós temos hoje na Terra, precisamos negar peremptoriamente a possibilidade de que alguém de fora do Sistema Solar tenha possibilidade de chegar até aqui. Mas volto a repetir, com humildade, que acredito que nosso conhecimento deve ser *ainda [Novamente dando ênfase]* insignificante para entendermos tudo isso. Haja vista o que aconteceu nos últimos 100 anos, com descobertas que vão da penicilina ao avião.

UFO — *Todas as detecções de UFOs por radares e as perseguições por caças a jato que já aconteceram, algumas das quais vazaram e acabaram caindo no conhecimento da Comunidade Ufológica, denotam que eles são originários de civilizações como as que o senhor definiu, ou seja, que existem dentro de um contexto que não conhecemos, que detêm uma tecnologia que ainda não conseguimos compreender. Certamente, estas naves não vêm até aqui usando os mesmos métodos de propulsão que usamos para explorar a Lua, Marte ou Vênus. O senhor acha que esse tema deve ser discutido abertamente pela sociedade?*

Pereira — Não, elas não devem usar motores foguetes, como o de nossas naves enviadas ao espaço. Minha opinião sobre Ufologia é a de que, no futuro muito próximo, ela precisaria se aproximar muito mais de setores científicos pesados, especialmente nas áreas de astronomia, astrofísica e astronáutica, de modo a compor um conglomerado científico mais consistente. Eu não rejeito nem a idéia da filosofia entrar nesta somatória, com seus conceitos modernos buscando responder às perguntas que até hoje ninguém respondeu: quem somos, de onde viemos, para onde estamos indo... Desde Aristóteles que fazemos estas perguntas e ninguém responde. A Ufologia, junto das citadas disciplinas, poderá ser um caminho para as respostas.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

UFO — *O problema são as restrições que a comunidade científica impõe à Ufologia, rejeitando a manifestação do fenômeno. Por exemplo, nós temos astrônomos que, por falta de informação ou de boa vontade, simplesmente rejeitam os dados coletados sobre UFOs, inclusive e até principalmente pelos militares. Em geral, o problema alegado por eles é de que é impossível que naves venham de outros planetas até a Terra, pois eles estão a distâncias impensáveis...*

Apenas abrir não basta

Pereira — Eu acredito que esta rejeição tem várias origens. No campo militar, ela se deve ao receio de que uma informação militar possa vaziar junto da divulgação de um caso [*Ufológico*]. Um exemplo emblemático disso é o medo de que determinada frequência de operação de nossos radares acabe vazando. Além do que, ainda hoje muitas pessoas têm medo de serem ridicularizadas. “*Pô, esse cara é maluco*”, falam de alguém que diz ter visto um UFO. Sim, tem gente que ainda pensa assim. Da mesma forma que, na época da vacinação, tinha gente que pensava que vacina era coisa de louco. A história está cheia de coisas deste tipo. Por isso, eu acho que temos que vencer essa rejeição através de um método quase filosófico, um método exigente. Temos que criar o antagonismo, pois o progresso só surge quando você cria o antagonismo. Daí que nasce a síntese, que nasce a solução. Temos que tolerar os astrônomos que não acreditam nos UFOs, os militares que os rejeitem e tudo o mais. E acho até que isso é muito bom, desde que as pessoas estejam realmente dispostas a conversar, a colocar os embates na mesa, e desses embates possamos colher alguma coisa positiva, que vai produzir um novo embate lá na frente. É essa a posição que eu defendo.

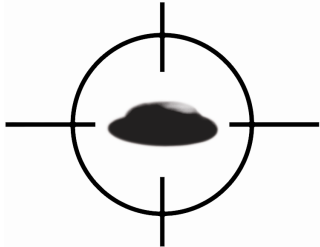
UFO — *Sua posição, aberta e franca, en-*

contra paralelo com a de muito poucos militares brasileiros. Mas encontra uma resistência por parte de certos segmentos do meio militar, que preferem que o assunto UFO permaneça sem ser amplamente discutido. O senhor acredita que é hora dessa resistência ser quebrada? Como isso poderia ser feito?

Pereira — Olhe, eu acho que simplesmente abrir os arquivos [*Secretos*] e entregar para imprensa ou entregar para vocês é algo que pode ser feito amanhã de manhã, sem nenhum problema. Mas acho que isto não basta, que não é suficiente. Vocês, ufólogos, podem até ter uma desilusão quando virem os arquivos, pois acho que esperam por coisas mais sólidas, e talvez não vão encontrar o que imaginam naquelas pastas. No entanto, acho que o exemplo governamental de abrir os arquivos ufológicos, especialmente vindo da área militar, é algo que favorece e fortalece outras pessoas que têm receio de tratar do assunto. Eu acho que no momento em que o Governo abre alguma coisa, acaba o receio de todo mundo quanto aquilo e as coisas começam a ficar transparentes. Ninguém tem medo da transparência, todos têm medo do que é opaco. Então, acho que a abertura ajuda sim, e tem um efeito favorável muito grande nesta discussão.

UFO — *Numa entrevista recente que deu ao site O Globo Online, o senhor disse isso o que acabou de repetir: que os ufólogos vão se decepcionar com os registros de UFOs no Comdabra. Disse até que os discos voadores não existem. Sua afirmação decepcionou os ufólogos, que iniciaram uma grande discussão na internet. Ora, se discos voadores não existem, o que seriam aqueles registros mantidos no Comdabra?*

Pereira — Veja bem, o que eu quis dizer é que discos voadores não existem na medida em que não se tem um dado oficial explícito onde esteja a afirmação “*aqui está um disco voador*”. Ou seja,



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

um documento oficial que diga que ele existe nessa forma e que esteja em dado lugar.

UFO — *Então o problema é o formato? Ou qual é o problema? Pois, quando falamos o termo disco voador, nos referimos a toda uma fenomenologia de objetos de vários formatos, de várias cores e executando diversos tipos de manobras, que aparecem em inúmeros locais e nós sabemos que não são aviões...*

Pereira — Sim, mas vamos voltar à visão puramente científica. E vamos fazê-lo através de exemplos, porque assim a coisa fica mais fácil. Veja, até certo tempo atrás, na África, havia pessoas que morriam e todo mundo dizia que eram atacadas por um vírus letal. Mas parte da comunidade científica da época não aceitava que um novo vírus tivesse simplesmente surgido do nada, até que um dia um cientista apareceu com um tubo de ensaio e disse: “*Aqui está o vírus*”. Era o ebola e estava acabada a discussão! Com isso eu só quero dizer o seguinte: nós só podemos falar que um disco voador existe quando o tivermos no tubo de ensaio, ou seja, bem visível e à mostra para todos checarem. Até lá, ele é uma hipótese.

UFO — *Mas, e enquanto não tivermos isto, e sim os depoimentos de milhares de pessoas de alta credibilidade, que tiveram experiências com discos voadores?*

Pereira — Bem, nenhuma credibilidade foi maior do que a dos mortos da África, apenas para continuar no exemplo dado. De qualquer forma, devem-se levar em consideração as diferentes formas de evidências que existem dos discos voadores. Como num trabalho policial, temos as provas documentais, as testemunhais e as circunstanciais, cada qual com seu peso. A prova documental, por exemplo, tem seu impacto, mas a testemunhal também. Alguém viu alguma coisa no céu? Ótimo!

Mas quando 50 ou mais pessoas virem, melhor ainda. Especialmente pessoas que não se conhecem, que vivem em locais diferentes etc. É assim que a prova testemunhal começa a ficar muito mais forte. E, por fim, temos a prova circunstancial, que é a mais frágil de todas. Temos que separar os três tipos de provas que temos hoje em relação à Ufologia. As provas circunstanciais estão em grande quantidade, assim como as testemunhais, e destas, 90% recebem uma explicação científica. Mas os 10% restantes, não. Já as provas materiais, não temos nenhuma.

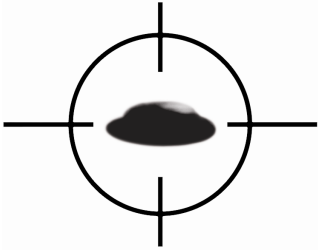
UFO — *O senhor classificaria a ocorrência de 20 de maio de 1986, a chamada Noite Oficial dos UFOs no Brasil, como uma prova circunstancial dos discos voadores?*

Pereira — Você se refere àquele caso que ocorreu sobre o Rio e São Paulo, que começou com o então presidente da Embraer, Ozires Silva, a bordo do avião Xingu, indo para São José dos Campos (SP), e que teve depois o depoimento do ministro da Aeronáutica na época, o brigadeiro Octávio Moreira Lima, que foi à televisão relatar o fato? Bem, no meu entender, as observações que se deram naquela ocasião são provas testemunhais, de pessoas que viram.

Interceptação aérea

UFO — *Mas os pilotos dos caças que foram enviados pela Aeronáutica para interceptar os objetos eram bastante experientes.*

Pereira — Sim, eram. Por isso aquelas são provas testemunhais, situações em que testemunhas viram alguma coisa e os radares detectaram aquela coisa. Veja, radar pode ter eco falso, pode ter uma porção de coisas afetando seu funcionamento, mas quando você tem mais de um radar detectando o mesmo alvo, aí é quente demais para não se levar a



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

sério [Em tom determinado]. Estes equipamentos trabalham em frequências diferentes.

UFO — *Um dos caças que interceptaram os objetos chegou a ter vários deles ao seu redor, relativamente próximos...*

Pereira — *Aí você tem a somatória de fatos. Alguém viu uma coisa e o radar a detectou, e este aparelho não tem nada a ver com olhos, é eletrônico. Um terceiro par de olhos também viu aquela mesma coisa [Outro piloto], e por aí vai. Então você começa a dar alta credibilidade para a ocorrência e a situação começa a ficar substantiva. Sim, tudo bem, mas cadê o objeto? Ele foi capturado? Aí é que vem a questão da prova material, que não temos.*

UFO — *Dez dias depois deste caso, um cinegrafista da agência de publicidade Mikson, de São Paulo, filmando à noite de cima do prédio do Banespa, no centro de São Paulo, também registrou um UFO sobre a Serra da Cantareira. O senhor viu isso?*

Pereira — *Ah, é verdade. Eu me lembro de ter visto o filme.*

UFO — *Tantas evidências somadas não constituem uma prova material suficientemente forte?*

Pereira — *Sim, mas quero que você entenda bem a resposta que eu dei: eu digo que disco voador não existe quando você não tem a prova material dele naquele instante...*

Pastas secretas

UFO — *Certo. O que não temos é o objeto, mas sim os relatos de quem o viu. Brigadeiro, quando a Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU) esteve no Comdabra, em 20 de maio de 2005, fomos recebidos pelo brigadeiro Atheneu Azambuja, que nos mostrou três pastas de casos ufológicos*

arquivadas no órgão. Ao perguntarmos desde quando o Comdabra registrava UFOs, identificados como “tráfego hotel” pela Aeronáutica, ele nos respondeu que desde 1954. Estas pastas não contêm as provas de que nós estamos sendo visitados por objetos tripulados e controlados inteligentemente por seres não terrestres?

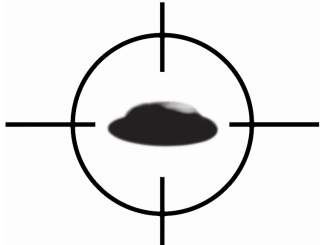
Pereira — *Bem, estas pastas não estão apenas no Comdabra, mas estão espalhadas em quartéis do mundo todo. Elas provam que estão ocorrendo fenômenos inexplicados, que nos levam a deduzir serem a presença de seres ou objetos estranhos ao planeta Terra. Isso mesmo, não comuns ao nosso planeta. Agora, classificar o que são estes seres ou objetos estranhos é uma coisa muito temerária, pois não temos conhecimento para tanto [Cauteloso]. Novamente usando um exemplo, é como você ter uma doença que está matando pessoas e ir logo dizendo que é causada por um vírus ou uma bactéria, e resolver fazer uma vacina para aquilo. Isso é temerário! Assim, acho que a Ufologia terá muito mais trabalho pela frente [Para identificar o fenômeno], e precisará também agregar novas disciplinas a ela.*

UFO — *Na época da visita ao Comdabra, nos foi sugerido que buscássemos a liberação oficial daquelas pastas, e nós argumentamos que desejávamos, futuramente, realizar um estudo junto com a Aeronáutica, formando uma equipe de ufólogos civis e militares. O que o senhor acha disso?*

Pereira — *Sim, mas eu diria que precisa ter mais gente nesta equipe. Acho que, além de ufólogos civis e militares, tem que ter cientistas, astrônomos, físicos etc.*

UFO — *Certo. É que, quando falamos em ufólogos, queremos dizer que entre eles já há gente de várias áreas.*

Pereira — *Ótimo, então já tem essa comuni-*



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

dade formada. Ótimo! Porque este é um conhecimento que tem que agregar mais pessoas.

UFO — *Como militar, ainda que na reserva, o senhor tem um posicionamento. Mas e pessoalmente, o senhor acredita em discos voadores, em vida em outros planetas e que estas formas de vida possam estar nos visitando?*

Pereira — Hoje eu estou convencido de que não existe vida no Sistema Solar, só na Terra. A última esperança que eu tinha era essa lua de Saturno recém estudada, mas lá também não há nada. Então, se em nosso sistema não tem vida, talvez devamos pensar na questão ao contrário. Ou seja, nós, terráqueos, é que vamos ter que ocupá-lo. O Sistema Solar é nosso quintal e vamos ter que descobrir como poderemos viver na Lua, como poderemos viver em Saturno. Eu não tenho a menor idéia, mas há 200 anos ninguém acreditava que um dia o homem poderia voar. Então, acho que o Sistema Solar é só nosso e vamos ter que habitá-lo, que ocupá-lo todo. Fora dele, temos que examinar as possibilidades de uma zona habitável, como já falamos.

Pastas secretas

UFO — *O senhor acompanha as descobertas astronômicas nesta área?*

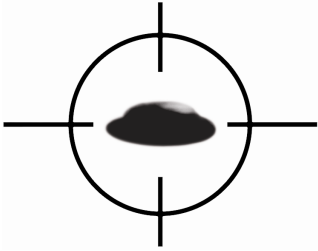
Pereira — Sim, e hoje, quando vejo a astronomia se dedicar à pesquisa das zonas habitáveis, fico muito feliz. Especialmente porque os astrônomos estão procurando nelas áreas em que haja, basicamente, estabilidade gravitacional, que é uma condição essencial para a vida. Em primeiro lugar, tem que haver esta estabilidade para que a vida prospere. Mas temos que levar em consideração outros aspectos. A vida, como nós a conhecemos, precisa de oxigênio, de uma cadeia de carbonos e de água para existir. Quando tratamos nestes termos, estamos falando de química, não de física. E

se encontrarmos pela frente alguma forma de vida que não precise de oxigênio, nem de carbono e nem de água? Teremos então que partir para uma estimativa da situação através da física. Veja que até aqui na Terra temos microorganismos que não precisam de oxigênio, os chamados extremófilos. Como temos peixes que vivem nas profundezas dos oceanos e que não precisam de luz. Isso me leva a crer que podemos ter formas de vida com estruturas químicas completamente diferentes da nossa. Agora, com a física isso não ocorre, pois pressão, temperatura e estabilidade gravitacional têm que haver em um ambiente para que a vida possa nele prosperar, e estas variáveis independem do processo químico que irá gerá-la.

UFO — *O senhor acha que os astrônomos estão perto de encontrar alguma forma de vida fora da Terra?*

Pereira — Veja um planeta como Júpiter, por exemplo, que é muitas vezes maior do que a Terra e tem quatro vezes menos densidade. Como é que nós vamos admitir que um planeta como aquele possa abrigar um tipo de ser como o que conhecemos na Terra? E nos mundos onde a temperatura está estabilizada em torno de centenas de graus centígrados? É difícil imaginar, quimicamente falando, que possa haver alguma forma de vida nesses ambientes. Por isso que eu gosto de ver os astrônomos dizerem que estão procurando vida nas zonas habitáveis sob o ponto de vista puramente da física. Hoje até se determinou que são cerca de 300 os planetas possivelmente habitáveis fora do Sistema Solar. Devem ter estabilidade gravitacional, porque a gravidade não pode ficar mudando toda hora que um meteoro passa perto deles.

UFO — *O senhor acredita que os planetas existentes nessas zonas habitáveis sejam semelhantes ao nosso ou diferentes?*



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

Pereira — Acredito que alguns deles possam ser muito semelhantes à Terra, e aí terão condições de abrigar vida parecida com a nossa. Isto é, desde que lá existam condições habitáveis, estabilidade gravitacional, cadeias de água e carbono etc.

UFO — *Para o senhor, é plausível que em tais planetas existam civilizações que poderiam estar nos visitando?*

Pereira — Bem, meu pensamento quanto a isso é o seguinte: nós, humanos, saímos do chão pela primeira vez com um avião há cerca de 100 anos, e em apenas um século conseguimos chegar à Lua. Em termos astronômicos, pode-se dizer que 100 anos não são nada, nem poeira. Então, se em um século, com nossa limitada capacidade, conseguimos tudo isso... Agora pense: onde nós estaremos daqui a outros 100 ou 1.000 anos? Ninguém é capaz de imaginar...

UFO — *Do jeito que a tecnologia está avançando continuamente, é possível que daqui a 20 ou 30 anos, tudo o que já temos conquistado até agora esteja ultrapassado e uma nova tecnologia tenha surgido...*

Pereira — Perfeito. Veja, 500 anos atrás Cabral estava chegando numa praia da Bahia. E daqui a 500 anos, onde é que vamos estar? Quem se aventurar a dizer alguma coisa sobre isso estará fazendo uma futurologia irresponsável, porque realmente não sabemos o que vai acontecer. Então, se em uma zona habitável do universo, muito provavelmente dentro da Via Láctea, alguém estiver 500 anos à nossa frente, será algo espetacular. Embora 500 anos também não seja muita coisa, em termos de universo, pode ser um salto gigantesco. E olha que a Via Láctea, a nossa galáxia, não é das maiores que há...

UFO — *Basta pensarmos um pouco, pois o bom senso nos diz que tem que haver vida inteli-*

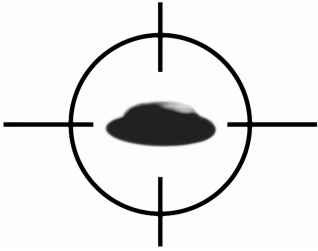
gente no universo, embora ela ainda não esteja provada cientificamente.

Pereira — Claro. Mas se analisarmos as condições da vida na Terra, veremos que temos aqui condições muito particulares, que talvez dificilmente seriam encontradas juntas noutros planetas. Por exemplo, a Terra está na distância exata do Sol para a proliferação da vida. Parece até que foi colocada nesta posição “com a mão”. A temperatura de nosso planeta é ideal e nossa água está em estado líquido. Daí, “foi colocada” uma Lua para girar ao nosso redor, que regula exatamente a quantidade e o fluxo de água na Terra, mantendo as marés funcionando direitinho. E por aí vai. Alguém aí também “colocou” Júpiter no sistema, um gigantesco planeta funcionando como pára-choques, impedindo que qualquer coisa atinja a Terra, batendo nele antes.

Ufologia e filosofia

UFO — *Parece que esta ordem cósmica é mais do que uma mera coincidência.*

Pereira — Se examinarmos as condições que temos na Terra e no Sistema Solar, veremos que isso tudo é muito especial. Mas pensar que no universo não deve existir nada parecido é sinônimo de covardia. Por isso que eu tinha muita esperança nos estudos que seriam feitos com o satélite de Saturno recém detectado, que poderia ter alguma coisa a mais. Mas quando se chegou lá, nada havia de especial. No entanto, o que dizem os astrônomos sobre vida fora da Terra? Eles já localizaram zonas habitáveis muito propensas a tê-la e estão extremamente convencidos de que existe. Talvez até em circunstâncias muito parecidas com as nossa, inclusive com água líquida, que já sabemos existir noutros pontos do universo. Daí é um passo, mas também é aí que está o problema. Foi Deus quem criou o planeta ou foi um acidente, uma obra da natureza cósmica? Isso já é filosofia.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

UFO — *Brigadeiro, sabemos que a Aeronáutica Brasileira pesquisa ou pesquisou oficialmente discos voadores desde 1969...*

Pereira — Sim, pesquisou...

UFO — *Certo, obrigado. A data se refere ao ano em que o brigadeiro José Vaz da Silva estabeleceu no 4º Comando Aéreo Regional (IV COMAR) o Sistema de Investigação de Objetos Aéreos Não Identificados (SIOANI). Era um órgão oficial que chegou a emitir dois boletins, um em março e outro em agosto de 1969, e depois parou.*

Pereira — Eu me lembro...

UFO — *Mas por que a pesquisa oficial de discos voadores feita pelo IV COMAR não foi para frente e aparentemente foi encerrada naquele mesmo ano?*

Pereira — Olha, esta é uma questão interessantíssima. Eu não estava por perto naquela época e não pesquisei estes fatos. Não me ocorreu de examinar por que aquele trabalho foi paralisado, mas presumo que o brigadeiro Vaz da Silva não tenha tido mais condições de continuá-lo. A história dele é diferente [*Das de muitos militares*]. Ele era um homem que estava sempre na vanguarda, estava sempre à frente do seu tempo.

UFO — *O brigadeiro Vaz da Silva ainda é vivo? O senhor o conheceu?*

Pereira — Não, já faleceu. Eu não o conheci pessoalmente, mas sei que foi um homem muito dinâmico. Só que pessoas que estão à frente de seu tempo costumam, de alguma forma, se prender a este tempo, ter sua vida paralisada por este tempo. E eu acho que até como uma forma de manter a estabilidade. Mas, por outro lado, esse dinamismo também provoca um choque [*Com a realidade*]. Tenho a impressão de que foi por isso que essa coisa parou e o SIOANI foi encerrado.

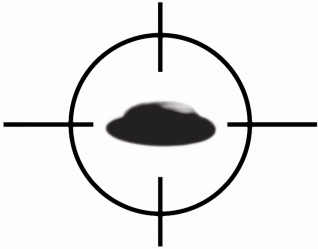
UFO — *O senhor acha que pode ter havido uma interferência superior para que houvesse o estabelecimento do SIOANI, ou esta foi uma iniciativa somente do brigadeiro Vaz da Silva?*

Pereira — Eu tenho quase certeza que sim, que houve uma determinação superior. E certamente o Estado-Maior do brigadeiro Vaz da Silva trabalhou com ele, apoiando o projeto, assessorando e montando o SIOANI. Um comandante sozinho não faz nada, ele tem que ter um Estado-Maior por trás de suas ações.

UFO — *Os dois boletins do SIOANI, que acabaram vazando, traziam descrições de casos pesquisados pelo órgão, inclusive de UFOs pousados e com tripulantes do lado de fora. São casos seríssimos investigados por militares e mantidos ocultos. Este é o tipo de documentos que os ufólogos querem que sejam liberados. O senhor acha que eles podem ser revelados ao público?*

Pereira — Em minha opinião, não há nenhum motivo para manter esse material em sigilo. Nenhum. Eu vejo que sua liberação não afeta nenhum dos quatro critérios clássicos que os militares sempre têm em mente quando se trata de segredos nacionais. E eles são representados pelos seguintes questionamentos: primeiro, a liberação deste material vai expor o País a uma guerra? Segundo, vai provocar pânico na população? Terceiro, vai colocar em risco a Segurança Nacional, seja com relação a algum país da América do Sul ou outros? E quarto, a liberação deste material vai atingir a privacidade de pessoas eventualmente citadas nele? Isso é o que temos que ter em mente. Se não vai afetar nenhuma destas questões, e o material do SIOANI não vai mesmo, então revela!

UFO — *Quer dizer que o senhor é a favor de revelar documentos ufológicos gerados pelos militares e mantidos em sigilo até hoje?*



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

Pereira — Totalmente. A menos que tal liberação afete algum dos quatro itens que acabei de citar. Neste caso, acho que o material não deve ser revelado. Temos que respeitar a privacidade das pessoas e a Segurança Nacional, e precisamos preservar a paz e a ordem. Também não podemos provocar guerra e mal-estar com outros países. Enfim, não vamos revelar os nossos planos para os inimigos. Fora isso, está na hora de fazer a transparência e botar isso a limpo.

Abertura irrestrita

UFO — *O senhor acha que isso se aplica também aos documentos da Operação Prato, realizada pela Aeronáutica no Pará, em 1977?*

Pereira — Claro! Sem dúvida alguma! Isso se aplica a toda e qualquer operação!

UFO — *O senhor tomou conhecimento específico daquela operação, na época?*

Pereira — No momento em que ela foi realizada, não. Apenas depois eu soube dos resultados. Mas eu conheci o Hollanda [*Coronel Uyrangê Hollanda, comandante daquela missão militar*]. Não vou dizer que ele era um amigo íntimo, porque não servimos juntos, mas o Hollanda era aquele sujeito bonachão, amigão, e a gente estava sempre se encontrando em algum lugar. Ele trabalhou na área de Inteligência da Aeronáutica, como eu, e então nós vivíamos nos cruzando por aí. Agora, tem uma coisa que eu preciso falar para vocês a respeito do Hollanda. Primeiro, deixem-me dizer que eu gostava muito dele, mas ele era um homem muito conturbado, muito sofrido. Eu não sei dizer exatamente qual era a origem de sua tristeza, mas ele era aquele tipo de pessoa que... [*Vive triste*]. O Hollanda interiorizava demais as coisas e acabou chegando ao suicídio. Acho que foi porque interiorizou seus problemas a tal ponto que não agüentou mais e “fechou a caixa”.

UFO — *E antes dele conseguir finalmente, tinha tentado suicídio outras três vezes.*

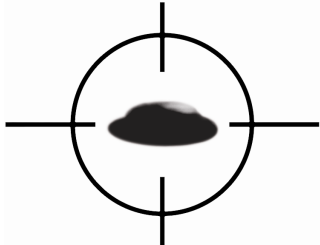
Pereira — Sim, exatamente.

UFO — *Eu entrevistei o Hollanda em 1997, junto do meu co-editor Marco Antonio Petit. Eu tinha acabado de dar uma entrevista ao Fantástico, falando sobre documentos da Força Aérea Brasileira, e ele assistiu e me ligou no dia seguinte, dizendo: “Olha Gevaerd, eu acompanho o seu trabalho e sei que você está fazendo a coisa certa. Quero dizer que estou na reserva agora, e não tenho mais compromisso com a farda. Então, se você quiser vir ao Rio me entrevistar, terei muita coisa para falar”. Eu fui imediatamente ao Rio, encontrei o Petit e fizemos juntos uma entrevista histórica com ele. O senhor já leu esta entrevista?*

Pereira — Sim, claro. Eu tenho uma cópia dela e também já a encontrei em muitos sites. É uma entrevista longa, que eu li com atenção. Outro dia, um colega da minha turma me passou uma cópia dela e eu disse a ele: “Cara, você acha que eu não tenho isso? Tenho uma cópia aqui há muito tempo?”

UFO — *É mesmo? Que bom! Então, presumo que militares graduados, como o senhor, possam ter tomado conhecimento das declarações do Hollanda.*

Pereira — Sim, certamente. É uma entrevista longa e muito conhecida. Agora, o Hollanda era um homem realmente conturbado. Ele teve problemas no primeiro casamento, problemas psicológicos sérios. Hoje talvez ele fosse definido por um psiquiatra como tendo um comportamento bipolar, que antigamente se chamava condição psicótica maníaco-depressiva. Mas eu digo que não era isso. Um cara que sofre de comportamento bipolar alterna momentos de euforia e de depressão, e o Hollanda não tinha isso. Ele tinha, isso sim, uma personalidade constantemente introspectiva.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

UFO — *O senhor acha que esses problemas influenciaram de alguma forma as declarações que o coronel Uyrangê Hollanda nos deu sobre a Operação Prato? Que modificaram alguma coisa que ele relatou à Revista UFO?*

Pereira — No conteúdo não, mas na forma, talvez. O Hollanda era um homem sério e não seria capaz de alterar um conteúdo, ainda mais daquela importância.

UFO — *Ele tinha uma memória aguçadíssima e chegou até a descrever minuciosos detalhes da Operação Prato e de sua vida militar...*

Pereira — Acredito. Como todas as pessoas sofridas, que também têm memória aguçada. Já notou isso? Por que as pessoas são sofridas? Justamente porque têm memória aguçada. Elas se lembram! Se ele fosse meio baiano, assim como eu, era só pensar “*eu quero esquecer esse negócio*”, e bastaria para ser mais feliz. Mas ele não, ele lembrou mais da metade da sua infância.

UFO — *O senhor tem razão. Quando eu e o Petit o entrevistamos, a primeira coisa que notamos foi que o Hollanda era um homem sem amigos, e isso nos aproximou bastante. Passamos a ser amigos e a apresentá-lo a todas as pessoas de nossa comunidade, tanto que ele passou a frequentar a Ufologia Brasileira e até a fazer palestras em congressos. Mas, infelizmente, entre a entrevista que fizemos e sua publicação na UFO, ele acabou se suicidando...*

Pereira — A tristeza que ele sentia era uma coisa muito comum na Aeronáutica, naquela época. Eu acho que tem a ver com o fato de que ele tentou ser aviador, mas não foi. Isso ocorria a muita gente, que entrava para a instituição querendo voar, mas acabava na intendência [*Serviços internos, burocráticos*]. Há milhares de casos assim, mas hoje isso mudou. Antigamente, o cadete entrava para ser

aviador e era aproveitado na intendência, e isso acabou criando uma geração de pessoas frustradas, que carregariam a frustração por toda a vida.

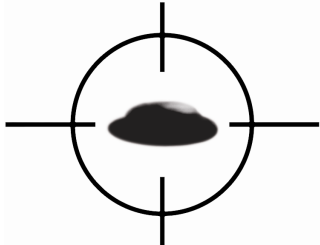
UFO — *Como isso mudou?*

Pereira — O que se faz hoje é diferente. O jovem que quer ingressar na Aeronáutica já define para que setor quer ir. Uns querem ser tenentes, e não aviadores. Outros querem ser administradores. Eles fazem cursos e já são direcionados para as áreas de suas preferências, e então tentam atingir seus objetivos. Assim, não fica mais aquela coisa ruim para a pessoa que não deu certo numa coisa e tem que ir para outra. Como ocorreu ao Hollanda, que tinha uma frustração profunda por não ter sido aviador. E ele nunca se conformou com isso, porque o trabalho de um oficial intendente na Aeronáutica, ou em qualquer das Forças Armadas, é massacrante. Especialmente se você não gosta dele. Pô, o cara queria ser aviador, ser piloto de caça, estar no céu enfim, mas, ao invés, ele se vê trancado num escritório cuidando da administração, que é pesada. Quem gosta disso?

Forte impacto emocional

UFO — *O senhor não acha que um dos pontos mais altos da carreira do coronel Uyrangê Hollanda se deu justamente durante a Operação Prato?*

Pereira — Sim, mas o que aconteceu com ele? Ele “fugiu” da intendência, onde o colocaram. Pois ele nunca foi realmente um oficial intendente. Porque na época, e ainda hoje, o sistema de inteligência precisava de pessoas, independente do que elas fossem: aviadores, intendentes, padres etc. Estas pessoas eram recrutadas para trabalhar na inteligência daqueles anos. Hoje a inteligência é uma profissão, mas naquela época não. Você “pescava” a pessoa para se dedicar àquilo, dava um



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

curso e elas iam trabalhar em inteligência. E o Holanda se agarrou naquele trabalho da inteligência e foi em frente.

UFO — *Dizem que, quando foi chamado para ser comandante da Operação Prato, o Holanda adorou, pois era tudo o que queria: ir para a selva. Ele assumiu a missão militar e teve contato direto com um ET, que nos revelou na entrevista. O senhor sabia disso?*

Pereira — Soube, ele relatou isso. Mas eu não cheguei a discutir este assunto com ele. O Holanda também me ligou logo em seguida, mas eu estava em outra operação.

UFO — *Ele descreveu que estava com um comandado no Rio Guajará-Mirim, já voltando para o acampamento, quando uma nave cilíndrica, com 100 m de comprimento, praticamente pousou em pé na outra margem. Do alto dela, uma porta se abriu e por ela um ET saiu e desceu flutuando até onde eles estavam. Este, segundo o próprio Holanda, foi o momento mais excitante da Operação Prato. O senhor discutiu esse assunto com ele?*

Pereira — Não, infelizmente não tive detalhes antes. Mas talvez seja por isso que ele tenha se jogado de corpo e alma naquilo. A Operação Prato foi onde ele se encontrou. Se como aviador não deu certo, e ele rejeitava a idéia de ser oficial intendente, então a inteligência caiu bem para ele. Para mim, trabalhar na inteligência é uma coisa agradável, pelo menos em termos. Naquela época era coisa ferrada. Eu trabalhei muito em inteligência militar pura, com estratégia. Mas nunca me preocupei muito, por exemplo, com comunistas [A primeira explicação oficial para a Operação Prato foi de que se tratava de uma missão para identificar comunistas supostamente infiltrados na Selva Amazônica]. Minha preocupação era com a Argentina.

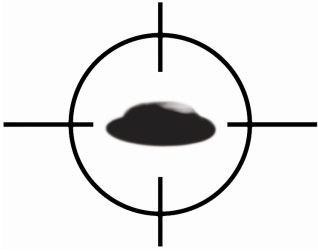
UFO — *O Holanda suspeitava que foi justamente o contato com o tal ET às margens do Rio Guajará-Mirim, que ocorreu em meados de dezembro de 1977, o fator determinante para o encerramento da Operação Prato. Ele disse que, ao reportar o fato ao seu superior, o brigadeiro Protásio Lopes de Oliveira, então comandante do 1º Comando Aéreo Regional (I COMAR), foi ordenado a encerrar a missão. O senhor sabia disso?*

Pereira — Em parte. Eu não tinha este detalhe.

UFO — *Muita gente ainda acredita que ele não se suicidou, mas que teria sido assassinado por supostamente falar demais. Isso não é verdade. No entanto, se a edição em que a primeira parte da entrevista com ele foi publicada – UFO 054, de outubro de 1997 – tivesse saído antes, e ele tivesse visto a homenagem que a Equipe UFO lhe prestou, sentindo-se prestigiado e vendo a enorme contribuição que prestou à Ufologia Brasileira, talvez ele não tivesse tirado a própria vida...*

Pereira — É, pode ser. Ele tinha uma vida solitária, e isso é algo mundo triste. Por isso, no mundo militar, o setor que mais une as pessoas é a inteligência. Quem viveu isso sofre ao se afastar deste meio. É aquele negócio: numa guerra, no meio do tiroteio, ninguém está pensando na Pátria. O cara está pensando na pele dele e na de quem está ao seu lado, que é o único que pode socorrê-lo naquela hora. Então, esse conceito de heroísmo é uma grande besteira. E a pessoa que trabalha na inteligência pode não ter essa grandiosidade toda, mas ele faz amigos e depende deles. E o Holanda, quando entrou para a reserva, estava completamente isolado de tudo e de todos. Isso realmente afeta a pessoa.

UFO — *O Holanda teve certa intimidade com o Fenômeno UFO, especialmente do meio para o fim da Operação Prato, até que aconteceu o contato com o ET e a missão foi encerrada. Mas*



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

isso não o fez acabar com as investigações, que ele continuou conduzindo por conta própria e nas horas vagas. Ele continuou, inclusive, tendo novos contatos, até que um dia, sem explicação, os fenômenos em torno dele pararam. Isso parece tê-lo afetado bastante. O senhor sabia disso?

Pereira — Não, não sabia. Mas, certa vez, conversando com uma psicóloga sobre o Hollanda, expliquei a situação para ver o que ela diria. Ela não o conhecia, mas afirmou que ele apresentava o perfil de um homem que, não sendo bipolar, deveria ter vivido alguma coisa muito grave em algum momento de sua vida. Tão grave que o isolou, digamos assim, de seus semelhantes [*Lamentando*]. Eu acho que foi o problema com o curso de avião, que já vi acontecer antes na Aeronáutica.

Elemento catalisador

UFO — *O senhor também acha que a experiência que ele teve na Operação Prato poderia ter sido um elemento colaborador para seu estado?*

Pereira — Sim, sem dúvidas, foi um elemento catalisador, uma experiência muito forte.

UFO — *Circularam no meio militar, naquela época, os resultados que a Operação Prato vinha atingindo?*

Pereira — Sim. Não com grande ênfase, mas todo mundo ficou sabendo o que estava acontecendo.

UFO — *E sobre o contato que o Hollanda teve com o ser extraterrestre, em dezembro de 1977, isso também chegou ao conhecimento do meio militar?*

Pereira — Apenas pouca gente ficou sabendo. Eu mesmo soube muito tempo depois, não no momento em que ocorreu. Quem comentou o fato comigo foi o brigadeiro Protásio. Na época em que ocorreu eu já era mais antigo na Aeronáutica do

que o Hollanda, e só fui saber deste episódio específico, o tal contato, quando já ia ser brigadeiro. Mas, da Operação Prato eu tomei conhecimento logo quando fui trabalhar na inteligência, quando ainda era coronel. Eu fui diretor de planejamento da Força Aérea, e todos os arquivos estavam à minha disposição.

UFO — *O senhor teve acesso a todos os documentos produzidos na Operação Prato?*

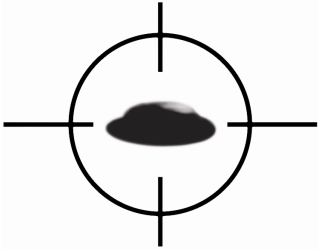
Pereira — Sim, a todos. Mas isso quando fui diretor de planejamento da Força Aérea, nos primeiros anos da década de 90.

UFO — *E onde estavam os arquivos? Em Brasília?*

Pereira — Sim, em Brasília. Esses arquivos foram todos recolhidos, e parte deles foi distribuída para o antigo SNI [*Serviço Nacional de Informações, órgão precursor da atual Agência Brasileira de Inteligência (ABIN)*]. Mas apenas parte. Eu só fui ter contato novamente com eles muitos anos depois, já exercendo outra função na Aeronáutica. Estes arquivos secretos me perseguem [*Rindo*]. Não apenas estes da Operação Prato, mas todos os arquivos secretos me perseguem...

UFO — *Então o senhor chegou a ter os arquivos da operação à sua disposição. A informação que nós tínhamos, que foi passada pelo Hollanda, mas que nunca conseguimos confirmar satisfatoriamente, é de que ele e seus comandados produziram pelo menos 2.000 páginas de relatórios de avistamentos, que eram datilografadas pelo sargento Flávio Costa, uma espécie de secretário da missão, além de cerca de 500 fotografias e 16 horas de filmes em super 8 mm e super 16 mm. O senhor confirma?*

Pereira — Ah, sim, deve ser isso mesmo. Esses filmes, na época, era o que havia de melhor.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

Imagens reveladoras

UFO — *Quando a Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU) esteve no Comdabra, pudemos ver uma parte dessas páginas e fotos, pouco mais de uma centena de cada, alojadas em uma pasta. Onde está o resto deste material?*

Pereira — Veja bem, o Comdabra é o Comando Brasileiro de Defesa Aérea, que lida com a questão aérea. Aqueles arquivos, num determinado momento, foram distribuídos aos órgãos de acordo com seus interesses [*Áreas de atuação*]. Aqueles que foram para o Comdabra são os que dizem respeito imediatamente ao Sistema de Defesa Aérea, a visualização de objetos por radar, a caças perseguindo coisas etc. Outros tipos de operação, que não tinham nada a ver com a Defesa Aérea do País, continuam ainda no antigo SNI, a atual ABIN. Mas ela, na verdade, não chegou a se envolver. Hoje a ABIN é uma coisa muito mais ampla do que o então SNI.

UFO — *Naquela ocasião e nos anos seguintes, alguns militares e civis selecionados, como um piloto da antiga Vasp que foi perseguido por um UFO em 1982, eram levados para uma sala do I COMAR, em Belém (PA), e recebiam como uma espécie de prêmio de consolação a oportunidade de assistir aos filmes feitos na Operação Prato. Por exemplo, o comandante Gerson Maciel de Britto foi levado pelo Holanda para vê-los. Dizem que são imagens espantosas de naves enormes sobre o Rio Amazonas. O senhor chegou a assisti-los?*

Pereira — Não, não cheguei a ver este material. Mas eu sei que eles existem.

UFO — *Mas onde estariam estes filmes hoje?*

Pereira — No Comdabra há aquilo que foi mostrado aos ufólogos. E no Sistema de Inteligência da Força Aérea, que também fica em Brasília, também há material.

UFO — *Não ficou nada no 1º Comando Aéreo Regional (I COMAR), em Belém?*

Pereira — Não, não. Está tudo aqui em Brasília [*Enfático*]. Não ficou nada em Belém nem em lugar algum.

UFO — *O senhor não chegou a assistir aos filmes, mas viu as fotos? Elas o impressionaram?*

Pereira — Sim, eu vi algumas fotos e elas me impressionaram. Mas veja bem, quando você vê uma foto antiga, você não acredita muito. Só que, por outro lado, naquela época não havia como fazer truques. Hoje há. Até eu sou capaz de entrar num programa e falsificar uma foto. Qualquer pessoa que faça um trabalho em Photoshop é capaz de sombrear ou alterar uma foto, por exemplo. Mas naquela época, não. Para alterar uma foto, o indivíduo precisaria ter um laboratório gigantesco. E hoje você pega uma maquininha e faz com ela o que quiser.

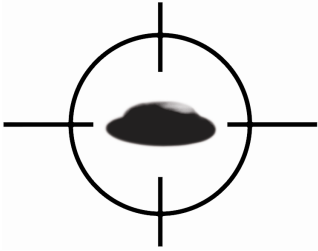
Não houve outras missões

UFO — *Além dessas fotografias da Operação Prato, o senhor chegou a ver imagens obtidas em outras missões ou feitas de alguma outra maneira?*

Pereira — Não, o que eu vi foram essas fotos da Operação Prato. Algumas depois se tornaram públicas. Não houve outras missões, a Operação Prato foi única.

UFO — *O senhor acredita que o encerramento dela deu-se efetivamente por causa do contato que houve entre o Holanda e o tripulante do UFO? Aquilo teria sido muito pesado?*

Pereira — É muito difícil sabermos hoje o que aconteceu. O brigadeiro Protásio, superior do Holanda, era um homem muito cético, muito religioso, muito inteligente. Deixem-me falar um pouco dele. O Protásio foi um homem que dedicou sua vida à Amazônia e fez “loucuras” por ela. Por e-



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

xemplo, em uma ocasião ele determinou que em todos os quartéis da região as frutas, como mamão, laranja, melancia etc, tivessem as sementes retiradas, secadas e reservadas. Não poderiam mais ir para o lixo. Depois, as sementes eram enviadas para o I COMAR, em Belém, e levadas nos vôos que haviam sobre a selva para os locais mais distantes. Elas eram simplesmente lançadas dos aviões, no meio da floresta, com a esperança de que florescessem. Um dia, quando eu ainda era novo lá, criei coragem e o questionei sobre isso, argumentando que a chance destas sementes germinarem era raríssima. Ele me disse: “Olha, um dia, se o sobrevivente de um acidente aéreo encontrar um mamoeiro e sobreviver porque comeu um mamão que resultou da semente que eu lancei, vou me sentir realizado”.

UFO — *Ele era um homem assim, que acreditava nas coisas.*

Pereira — Sim, um homem de fé. Tanto que, quando foi diagnosticado com câncer e desenganado, em vez de ficar no hospital, ele foi para casa e disse aos médicos: “Quando começar a doer muito eu volto prá cá e vocês vão me parar. Eu não quero sentir dor. Usem morfina, anestesia, o que vocês quiserem, mas desliguem tudo e não me liguem a nada. Assim, eu morro no dia combinado”. Os médicos aceitaram e assim foi feito. Quando ele começou a sentir dor, foi possível calcular o dia e a hora que ele ia morrer, dando tempo para muitas comunidades ao longo do Rio Negro se prepararem para o velório. Sim, pois ele foi responsável por grande parte da civilização que hoje existe ao longo daquele rio. E no enterro dele estava todo mundo lá. Esse era o superior do Hollanda.

UFO — *O Hollanda nos disse que, cada vez que ele ia relatar o que estava acontecendo durante a Operação Prato, que era parte de suas funções, o brigadeiro Protásio ficava excitadíssimo*

com as informações de que as naves chegavam cada vez mais perto dos acampamentos. O Hollanda chegou a descrever que, quando mudavam o local do acampamento, as naves os acompanhavam.

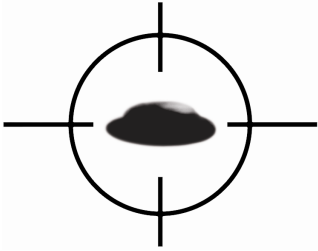
Pereira — Interessante...

UFO — *Falando de outro tema, vamos novamente abordar a visita da CBU ao Comdabra. Na ocasião, o brigadeiro Atheneu Azambuja, então comandante do órgão, relatou que era rotineiro os caças da Aeronáutica levantarem vôo para identificar “alvos radares”, entre eles os “tráfegos hotel”. E a gente sabe que estes são termos usados para descrever várias coisas, inclusive discos voadores. Quantas destas interceptações ocorrem anualmente no País?*

Pereira — São várias, mas eu me lembro de uma no momento. Isso é tudo automatizado, os procedimentos são automáticos. Este fato ocorreu em Anápolis (GO) há alguns anos. Houve um contato do radar com alguma “coisa” e a Defesa Aérea determinou a decolagem de um caça Mirage da base aérea daquela cidade. O objeto não identificado estava bem perto, não estava longe não, quase na área de Goiânia. Mas o radar não estava conseguindo determinar a altimetria, sua altitude, apenas a posição em que estava. O Mirage subiu em sua direção até onde pôde, e quando chegou a 48 mil pés de altura [*Cerca de 16 km*], que é o teto de serviço dele, teve que abandonar a busca. O piloto falou: “Pô, estou a 48 mil pés e não estou vendo nada. O radar está dizendo que isto está aí na minha frente, mas eu não vejo nada”.

UFO — *O radar do solo detectava um ponto naquela posição, e o de bordo do Mirage também?*

Pereira — Sim. Do avião a gente tinha altimetria, ou seja, sabia em que altura estava. Mas não se podia determinar a altitude do outro contato, que



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

aparecia em ambos os radares. Então, quando você não sabe onde está o alvo, fica difícil. O piloto tinha contato visual com o objeto, que era uma luz brilhando ao meio dia, em pleno Sol.

UFO — *Era um objeto grande?*

Pereira — Bem, era um ponto luminoso, cujo tamanho era impossível de determinar, pois aí entra a questão da paralaxe [*A medida da aparente mudança de posição de um objeto em relação a um segundo plano mais distante*]. Você não consegue saber o tamanho de algo se não souber a distância que está. O piloto dizia que estava longe. “*Eu estou vendo o ‘negócio’ aqui, mas está longe, muito longe*”, ele dizia. E ele já estava no teto máximo de 48 mil pés. O Mirage pode ir até 50 mil pés, mas ficaria perigoso. Eu me lembro bem dessa decolagem.

UFO no Rio Amazonas

UFO — *Brigadeiro, quantos casos como este acontecem por ano e no que eles resultam?*

Pereira — Eu me lembro de uns três ou quatro casos. Eu não sei a média anual, mas talvez sejam dois ou três casos por ano.

UFO — *Temos no acervo da Revista UFO outro caso envolvendo a detecção de um disco voador por radar e interceptação por caças em Anápolis, mas ocorrido em 28 de abril de 1982. O episódio foi registrado em documentos da Força Aérea Brasileira (FAB), que vazaram e chegaram até nós. Publicamos o material em nossa edição UFO 014, de janeiro de 1991.*

Pereira — Interessante. Vocês têm algum caso envolvendo a Marinha Brasileira no Rio Amazonas?

UFO — *No Rio Amazonas temos apenas casos de embarcações civis. Da Marinha, temos um*

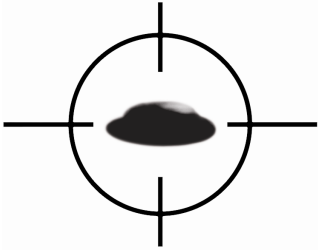
caso ocorrido no Rio Paraguai, em 1962, envolvendo um navio comandado pelo então capitão de mar e guerra João Maria Romariz, já falecido. A embarcação foi seguida por um UFO próximo do Forte Coimbra, no que é hoje o estado de Mato Grosso do Sul. O caso está registrado no livro UFOs: Arquivo. O senhor tem algum caso específico ocorrido no Rio Amazonas?

Pereira — Sim, e este caso ficou “fechado” na Marinha, nunca foi divulgado. Mas eu recebi a informação de que uma corveta, daquelas antigas, que navegavam muito bem, se envolveu num avistamento. Aquele tipo de embarcação podia ir até as fronteiras mais distantes. Uma corveta destas, navegando à noite, foi abordada por um UFO que se aproximou por cima dela. A coisa foi feia, me disseram. A situação ficou complicada para o comandante do barco, porque houve pânico entre a tripulação numa área muito isolada. Naquele tipo de lugar em que o índio mais perto está a mil quilômetros...

UFO — *Como são tratados pela Aeronáutica os episódios ufológicos que envolvem tripulações civis, como o Caso Vasp, ocorrido em 08 de fevereiro de 1982, quando um Boeing 727 da extinta companhia aérea paulista foi seguido por um UFO por mais de três horas?*

Pereira — Normalmente, as tripulações civis em vôo se comunicam com os órgãos de controle ligados à Aeronáutica. Qualquer coisa que envolva aeronaves civis era antes tratada pelo Departamento de Aviação Civil (DAC), e hoje é incumbência da Agência Nacional de Aviação Civil (ANAC). Assim, na verdade, a Força Aérea praticamente não tem mais nenhum contato com pilotos civis, a não ser através do controle de tráfego aéreo.

UFO — *Então, se hoje houvesse uma observação ufológica feita por um piloto da TAM em vôo, por exemplo...*



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

Pereira — Ela seria comunicada à Aeronáutica e a Força Aérea faria alguma coisa, considerando o voo. Isso está nas atribuições do Comando de Defesa Aérea. O fato é relatado para um controlador de voo e cai no sistema.

UFO — *E qual é o tratamento que será dado àquele caso?*

Pereira — Um avião civil em voo está sempre sendo controlado por um órgão, um centro de controle, e todos os que existem no país são militares. Se um piloto diz “olha, está acontecendo alguma coisa aqui do meu lado”, se for qualquer coisa fora do normal, o centro de controle que está acompanhando o voo comunicará aquilo imediatamente ao centro de operações militares daquela área, que vai ter que tomar alguma atitude, fazer alguma coisa em relação àquele fato e se reportar ao Comando de Defesa Aérea (CODA), que é o órgão superior e tem visão nacional – é o único órgão que tem um panorama do país inteiro. E agora, depois da crise aérea, finalmente eu consegui convencer todo mundo de que tinha que existir uma espécie de CODA civil, e ele foi criado no Rio de Janeiro. Porque o CODA que temos em Brasília é militar, fechado. Tinha que haver um com as mesmas atribuições dele, mas civil, para se saber por que determinado avião está atrasando, por que aquela outra aeronave pousou e está há quatro horas no chão etc. Havia a constatação de muitos problemas aéreos, e assim foi criado o novo órgão, o Centro de Gerenciamento de Navegação Aérea (CGNA), só que todo adaptado para os problemas de tráfego aéreo civil, tipo atrasos em voos, condições meteorológicas adversas etc.

UFO — *Brigadeiro, em 19 de janeiro de 2002, o senhor concedeu uma entrevista ao programa Circuito Night and Day, do deputado Celso*

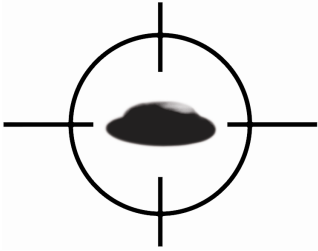
Russomanno, que está na internet e é muito comentado na Ufologia, porque nele vimos pela primeira vez um militar com a sua graduação falar sobre Ufologia. E o Russomanno foi bastante persistente nas perguntas que lhe fez. Naquela ocasião, e isso está gravado, o senhor mostrou a ele um livro de ocorrências aéreas e disse que, apenas naquele ano, havia nele mais de 90 registros de fenômenos de “tráfego hotel”, como os UFOs são chamados pelos militares. Só que o senhor não permitiu que ele abrisse o livro no ar, dizendo que ele era confidencial. O que aquele livro contém?

Pereira — Ele contém várias coisas, entre elas aqueles relatórios oficiais que podem ser preenchidos por qualquer pessoa que tenha feito uma observação de “tráfego hotel”. Alguns deles parecem vir de gente louca, como o de uma mulher drogada que saiu de uma boate em Sobradinho (DF) e disse ter visto algo. Mas este tipo de coisa você logo descarta. No entanto, o livro tem casos que não se consegue explicar, e quando algo não pode ser explicado, então vai para o livro [*Que recebe o nome de Livro de Registro de Ocorrências, LRO*]. Aqueles casos todos estão arquivados nos tais livros, e um dia os pesquisadores vão poder examiná-los. Neles há também relatos de pilotos, de controladores de voo etc. Enfim, tudo aquilo que não conseguimos explicar, que é dado como secreto, vai para tais livros.

“A coisa deve ser aberta”

UFO — *Mas por que essas coisas são mantidas secretas? Por exemplo, como o senhor falou agora, como um pesquisador pode ter acesso a estes livros se eles são secretos? Nós gostaríamos de examinar tais livros...*

Pereira — Por isso é que eu defendo que essa coisa deve ser aberta. Amigos, eu penso igual a você. Tem que abrir tudo.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

UFO — *Quantos livros como aquele existem?*

Pereira — Eu acredito que seja mais ou menos um livro por ano. Chega ao final do ano, tiramos tudo que está guardado nele e colocamos num arquivo. Hoje não guardamos mais [*Os casos*] em formato de livro, porque agora é tudo digital.

UFO — *O senhor deve ter visto vários livros. Qual é o fato registrado neles que mais o surpreendeu, sejam casos relatados por pilotos civis ou militares?*

Pereira — Os relatos de pilotos, que normalmente são os mais consistentes, são os mais impressionantes. Porque eles não estão comandando um veículo, mas uma aeronave. Uma coisa é você estar passeando na rua e ver alguma coisa, e outra é um piloto em vôo ver algo. Assim, relatos de pilotos são geralmente mais consistentes. Mas há casos em que o próprio piloto depois reconhece que se enganou. “*Realmente, eu estava olhando para a esquerda e vi alguma coisa, mas era a refração do Sol*”, diria a pessoa. Só que há casos em que ela estava olhando para o outro lado, onde não tem refração. Aí, tem alguma coisa estranha nisso. As observações relatadas por pilotos são mais consistentes do que as feitas a partir do chão, por pessoas absolutamente leigas. Nestes casos, você não tem confiabilidade.

UFO — *Até na Ufologia civil a gente não tem muito que fazer com certos relatos...*

Pereira — Por isso que, naquele questionário [*Para registro de casos de tráfego hotel*], eu mandei colocar uma espécie de interrogatório, entrando um pouco na intimidade da pessoa para saber qual é o seu conhecimento de meteorologia, se tem curso superior etc. Por que há uma diferença.

UFO — *Então o senhor participou da elaboração daquele questionário?*

Pereira — Sim, já havia o antigo e eu o atualizei. Inclusive com aquelas informações adicionais. Veja, é diferente você julgar um caso quando tem mais informações sobre ele. Não estou menosprezando o gari, não, mas é diferente quando se tem mais dados. Um engenheiro, por exemplo, consegue ter uma visão diferente de algo.

UFO — *E esse questionário está válido?*

Pereira — Sim, está válido.

UFO — *Quantos questionários o senhor estima que já tenham sido preenchidos?*

Pereira — Ah, não sei, porque depois que eu saí da Força Aérea, não tomei mais conhecimento. Mas eu acredito que sejam uns 10 por mês, mais ou menos.

UFO — *Isso é em todo o país?*

Pereira — Isso mesmo. Todo.

UFO — *E em que lugar essas informações estão centralizadas?*

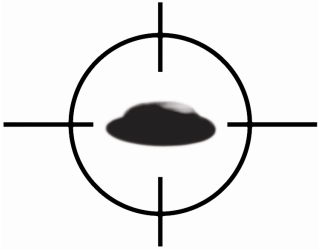
Pereira — Está tudo no Comando de Defesa Aeroespacial Brasileiro (Comdabra).

UFO — *São eles que preenchem aquelas pastas que o brigadeiro Atheneu Azambuja falou que são armazenadas lá desde 1954, quando os integrantes da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU) visitaram ineditamente o órgão durante o histórico encontro de 20 de maio de 2005?*

Pereira — Sim, são estes mesmos casos. Estão todos lá.

UFO — *Em que ano foi registrado o maior número de casos de tráfego hotel, o senhor se lembra? Ou de algum ano chamou sua atenção em especial?*

Pereira — Não, não me lembro [*De que ano tivemos mais casos*]. Mas o caso mais interessante



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

foi aquele de São José dos Campos (SP), ocorrido em 19 de maio de 1986. Aquele caso realmente foi espantoso [Enfático].

chave está com a Dilma

UFO — *O que o senhor acredita que os ufólogos precisam fazer para ter acesso às pastas que estão no Comdabra e quem hoje comanda estas coisas?*

Pereira — Eu acho que é uma mulher chamada Dilma Rousseff. Eu acho que ela é quem manda. Vocês devem chegar até ela [Para terem acesso aos dados].

UFO — *Uma pergunta à parte aqui. A Dilma é quem dizem que é?*

Pereira — É. Lembra que eu falei que arquivos antigos não podem ser revelados se invadirem a privacidade das pessoas? Este é um caso. Você não pode pegar a ficha da Dilma Rousseff, que hoje é ministra de Estado, e soltar para a imprensa. A Dilma é autoridade do Governo Lula, ministra da Casa Civil da Presidência da República. E foi nesta administração que se determinou que a Casa Civil, com a Dilma à frente, gerenciaria todos os materiais secretos [A determinação é a Lei 11.111/2005].

UFO — *O senhor acha que, se hoje houvesse a perseguição de um UFO sobre o Território Nacional, seja por pilotos civis ou militares, principalmente por militares, a Dilma Rousseff vai ficar sabendo? Isso chegaria até ela?*

Pereira — Ao ministro da Defesa com certeza chega, pois isso faz parte da função dele. É automático, o telefone dele vai tocar [Enfático]. Agora, se ele vai passar essa informação para a Dilma, não sei. Dependendo da gravidade do caso, o ministro é obrigado informar ao presidente da República. Funciona assim. Eu, quando fui coman-

dante do Comdabra, tinha o telefone pessoal do presidente, mas não podia ligar para ele por qualquer coisa.

UFO — *Como funciona a linha de comando nestes casos?*

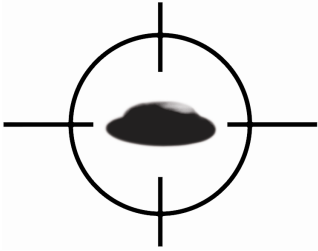
Pereira — Se houvesse algo sério, eu teria que ligar para o comandante de operações aéreas, que informaria o fato ao comandante da Aeronáutica. Ele falaria com o ministro da Defesa, que, por sua vez, reportaria o assunto ao presidente. Mas se o elo fosse interrompido, eu tinha autonomia para saltar. Por exemplo, eu tenho que ligar para o meu comandante, mas se não consigo falar com ele, vou para o próximo. Eu estou autorizado a saltar para o seguinte. Mas se também não conseguir falar com o seguinte, vou em frente, até chegar ao presidente. E se ele não atender, eu assumo. Isso é legal, está escrito. Mas é claro que entra aí o bom senso de cada um em relação à gravidade do problema. Não vou dar um passo desses se não for um assunto de extrema gravidade.

UFO — *Quando o senhor foi comandante do Comdabra, todos esses casos que envolvem pilotos militares e detecção de UFOs por radar, ou pelo menos mais importantes, chegavam ao seu conhecimento?*

Pereira — Quando eu fui comandante do Comdabra, sim.

UFO — *Com que frequência o senhor recebia relatórios sobre os casos?*

Pereira — Apenas uma vez por mês havia algum relato. Um controlador me falava algo do tipo “pô, estou há 10 minutos aqui acompanhando esse objeto no radar”, ou então “comandante, apareceu mais um tráfego hotel lá no Amazonas ou lá em Santa Catarina”. Mas são muito comuns os ecos falsos nos radares, também chamados de alvos falsos. Um alvo falso dá uma piscadinha na tela e



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

quem é experiente já reconhece. Logo o ponto some do aparelho. Agora, quando o objeto detectado tem trajetória determinada e constante, esta é outra história. Estes casos ocorriam uma vez por mês, mais ou menos, e tinham curtíssima duração.

UFO — *Houve confirmação, por exemplo, de pilotos civis relatando casos? Eles relatam fatos?*

Pereira — Sim, os pilotos civis sempre falam, botam a boca no trombone. Eles não podem ver alguma coisa estranha que chamam logo o controle de tráfego aéreo. Porque eles têm uma responsabilidade muito séria. Pilotos civis falam mesmo, e também porque não querem perder o emprego se deixarem de relatar algo fora do comum.

O medo dos pilotos civis

UFO — *Mas eles não gostam muito de relatar suas experiências para a imprensa. Nós, com muito custo, temos conquistado a confiança de alguns deles...*

Pereira — Não falam porque é o emprego deles que está em jogo, e seus patrões podem não gostar [*Enfático*]. Agora, tem outra questão aí. Tem a coisa de empresas aéreas terem aeronaves em dificuldades e não relatarem suas emergências para não parecerem mal perante a mídia. Isso é um crime [*Indignado*]. Eu já vi avião pousar em Congonhas em grandes dificuldades. Um “bicho” daquele tamanho, pousando “pendurado” num motor só, como se nada tivesse acontecido, sem bombeiros e sem ambulância. Sim, porque a companhia não quis parecer mal na imprensa. E se o piloto tivesse relatado o problema à torre, o cara poderia ser despedido. Isso não está certo.

UFO — *Há pouco tempo a Revista UFO recebeu o relato de um piloto da Gol, que, indo de Fortaleza para Belém, observou um objeto enorme*

cruzando a frente do Boeing. Ele fotografou o aparelho e nos enviou. O comandante nos disse que, como outros pilotos também já relataram, quando se comunicou com o Cindacta, recebeu um tratamento muito preciso, bem a altura do fenômeno. As informações que ele relatou ao controlador de vôo também acabam no Comdabra?

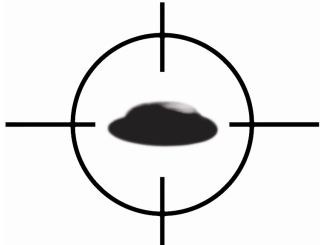
Pereira — Sim. Um fato como esse, relatado pelo piloto da Gol, deve ter resultado num relatório oficial, e certamente ele está guardado em algum lugar do Comdabra, aqui em Brasília.

UFO — *Quando acontece um fato assim, quem preenche o relatório reportando o tráfego hotel, o piloto ou o controlador de vôo?*

Pereira — Qualquer um deles pode preencher. O piloto pode pousar e preencher. Ele pega o formulário em qualquer quartel da Força Aérea, em qualquer sala de tráfego aéreo de qualquer aeroporto do país. Os pilotos sabem onde encontrar e onde entregar preenchido o formulário, que é em qualquer quartel da Aeronáutica.

UFO — *E a partir daí, o que é feito do formulário preenchido?*

Pereira — É sempre feita uma investigação. Por exemplo, neste caso, o piloto viu algo e registrou aquilo. Ele precisa descrever em que direção, altitude e velocidade o objeto passou, tem que dar o máximo de detalhes. Precisamos também saber onde é que estava o Sol naquela hora, se à esquerda ou à direita da aeronave, se atrás ou na frente dela etc. A luminosidade do objeto também é importante, assim como que tipo de nuvens havia no local. Todas estas são informações preciosas. O controle do tráfego aéreo vai tentar descobrir se algum outro avião cruzou a frente dele, ou se naquela hora passou um caça supersônico por ali, tudo para explicar o fato. É feita uma diligência. Mas se for descoberto que não havia ali nenhum avião naquela hora,



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

que o tempo estava nítido e não havia nada que justificasse o fenômeno, então a coisa muda de figura. Essa é uma averiguação fácil de fazer, porque está tudo aí na mão, no relatório. Vai se eliminando as possibilidades de explicar o fato e uma hora se chega à conclusão de que não há explicação nenhuma para ele.

UFO — *Aí o que acontece?*

Pereira — O relatório segue para o arquivo. Não há o que fazer com ele. Se o fato tem explicação, então ele é “deletado”. O controlador ou outra pessoa da Defesa Aérea avisa o piloto, dizendo: “Aquele negócio que você relatou, foi um avião que passou lá”. Agora, se não há explicação...

UFO — *Então, todos aqueles livros de registro de ocorrências contêm casos que não são explicados, mesmo após analisados por técnicos capacitados, responsáveis oficialmente por isso? E são eles que chegaram à conclusão de que tais fatos não tinham explicação?*

Pereira — Exatamente. Todos.

Muita coisa escapa

UFO — *Então agora sabemos, finalmente, que o que está arquivado no Comdabra é o que já foi analisado e não se explicou. O senhor tem idéia de qual é a quantidade anual de casos em cada livro ou pasta daquelas?*

Pereira — Nestes três últimos anos eu não acompanhei o que ocorreu, mas antes era uma média de um a três casos por mês. Agora, também quero dizer uma coisa que considero importante. Pode ser “achismo” meu, mas creio que uns 90% das coisas que são vistas por aí não terminam em relatório algum, nunca são reportadas. E observe você justamente onde esses relatórios são preenchidos: onde há algum aeroporto ou quartel da Força

Aérea, onde existem cidadãos conscientes [*Que sabem a quem relatar os fatos*]. Então, eu não sei qual é o percentual de observações que foram feitas e terminaram em relatórios, mas acho que deve ser menos de meio por cento.

UFO — *Se tudo o que há nos livros ou pastas do Comdabra for apenas meio por cento do que aconteceu por aí, como é sua opinião, então o total de casos deve passar de 200 por mês! Por exemplo, nem todos os pilotos que viram algo vão passar na sala de tráfego aéreo e pegar o formulário. Outro tanto pega, mas deixa de preencher, ou preenche e não entrega...*

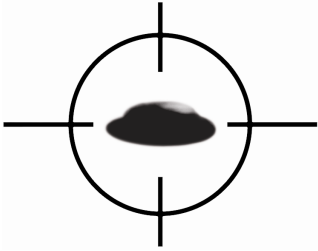
Pereira — Pois é. Os pilotos não querem aparecer. E as demais pessoas nem sabem que esse relatório existe e está disponível no país inteiro. Assim, o que é relatado não representa quase nada. Do universo de casos que devem ter ocorrido, quase nada vem ao conhecimento dos militares.

UFO — *Existe algum planejamento ou ordens superiores específicas para se acobertar estas informações contidas neste meio por cento?*

Pereira — Não, não existe ordem alguma para que se acoberte tal situação. O que existe é uma classificação de sigilo. Tais fatos têm que ficar confidenciais, mas não há uma ordem ou diretriz que determine isso.

UFO — *O senhor já ouviu falar da Área 51, aquela base ultra-secreta que fica no Deserto de Nevada, ao norte de Las Vegas, para onde os ufólogos norte-americanos afirmam que são levados UFOs acidentados?*

Pereira — Sim, a área existe e nós fizemos exercícios por lá. Não na Área 51, mas sobre o Deserto de Nevada, onde existem inúmeras instalações militares. A Força Aérea Norte-Americana (USAF) realiza muitos exercícios em toda aquela



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

localidade. Inclusive porque ela tem atuação internacional e assim convida muitas nações para enviarem seus militares para treinamento lá. Nós participamos de um programa assim e soubemos da Área 51, mas nela ninguém entra. A Força Aérea Brasileira (FAB) já mandou dois esquadrões para lá e eu comandeí uma dessas operações. O interessante é o planejamento das manobras, que evitam a Área 51, que fica bem no centro de tudo.

Relatório de perigo

UFO — *E não acontece de pilotos invadirem o espaço da área?*

Pereira — Sim, e o grande problema quando praticamos exercícios lá é fazer os pilotos estrangeiros realmente entenderem quais são os procedimentos a serem adotados, para não se aproximarem da Área 51 e nem passarem por cima dela. Nem os norte-americanos podem. Ninguém pode...

UFO — *Voltando ao Brasil, brigadeiro, e levando em consideração as circunstâncias envolvidas em observações de tráfego hotel pelo país afora, inclusive com casos de UFOs interferindo em vôos civis e militares, o senhor acredita que eles representem algum perigo para a aviação?*

Pereira — Olha, pelo menos que eu saiba, nós não tivemos até hoje nenhum relato de colisão ou de quase colisão de aviões com qualquer objeto voador não identificado. Pelo menos de pilotos que tivessem registrado tal fato em algum relatório de perigo [*Um formulário diferente do usado para registrar casos de tráfego hotel*].

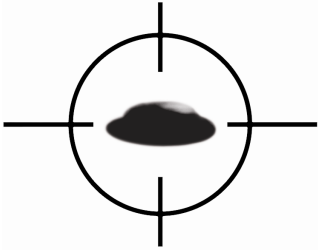
UFO — *O senhor acha que pode ter acontecido, mas não ter sido registrado?*

Pereira — Sim, porque o piloto ou controlador é obrigado a fazer um relatório de perigo sobre qualquer coisa que implique num risco aéreo. Pre-

cisa assinar e se identificar, e essa situação tem que ser averiguada. Que eu saiba, isso nunca foi feito. Agora, volto a dizer que o fato de alguma coisa nunca ter sido registrada não significa que ela nunca existiu. Só que eu não tenho conhecimento.

UFO — *O senhor acha que os militares brasileiros ou o Governo Federal vêem os casos de tráfego hotel como um perigo para a Segurança Nacional?*

Pereira — Essa é uma questão extremamente delicada, porque, sob um ponto de vista puramente pragmático, a Segurança Nacional tem várias facetas a serem examinadas. Uma “ameaça externa” – entre aspas, porque acho que nenhum de nós se sente ameaçado por uma potência extraterrestre – não pode ser vista por um país isolado, mas pelo conjunto deles. Antes de qualquer coisa, temos que concordar com isso. Eu acredito, inclusive, que no dia em que for reconhecido que existe algo externo penetrando o planeta, vai caber às Nações Unidas fazer alguma coisa, e não a uma potência isolada [*Decisivo*]. Não vão ser os americanos, nem os uruguaios e nem os afegãos, sozinhos, que irão reagir. Isso é uma coisa muito complexa, e por isso não vejo qualquer ameaça à segurança. Agora, durante o trato desta matéria, caso os acontecimentos ufológicos sejam revelados, poderão surgir junto informações militares que não podem ser divulgadas. Como as instalações e a frequência dos nossos radares, a velocidade que um caça pode decolar para apresentar uma reação a uma possível intrusão etc. Estes são dados militares sigilosos, que nada têm a ver com o evento em si. E na pesquisa de uma observação de UFO, um dado militar sigiloso pode aparecer acidentalmente, exigindo que toda a informação venha a ser bloqueada. Esse também é um padrão no mundo inteiro: quando você precisa bloquear um fato de uma operação, acaba bloqueando tudo, porque impede um agente de seguir um caminho.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

UFO — *O senhor conhece o documento NPA-09, instituído em 20 de agosto de 1990 e intitulado Procedimentos a Serem Adotados Pelos Órgãos ATS/ATC em Caso de Avistamento de Objetos Voadores Não Identificados? Este documento contém determinações que devem ser seguidas quando forem vistos UFOs. Ele está efetivo até hoje?*

Pereira — Se não saiu nenhum outro documento que o tenha anulado, então ele ainda está em vigor. Isso é de 1990? Então certamente ainda está em vigor. Mas este é um documento confidencial, para uso interno das Forças Armadas, não para uso externo [*Pega nas mãos o documento, oferecido a ele pelo entrevistador*]. Eu não tenho certeza, mas creio que ele continua em vigor.

Afastando curiosos

UFO — *O NPA-09 determina que as ocorrências ufológicas devam ser lançadas no livro de registro de ocorrência (LRO), em ordem cronológica e sempre que possível com os horários de cada narrativa. É aquele livro de que já tratamos...*

Pereira — Sim, são procedimentos padrão.

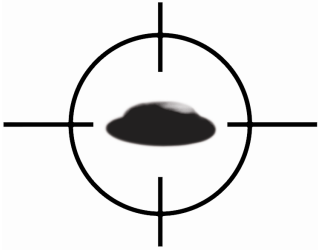
UFO — *Mas o problema está no item 4.7 da seção Instruções Gerais do NPA-09, que estabelece o seguinte: “Havendo telefonema de jornalistas ou curiosos solicitando informações, responder que não está autorizado a fornecê-las”. Por que a determinação de não atender aos ufólogos e à imprensa? Por exemplo, se um jornalista ligar ao Comdabra ou a outro órgão para saber de um caso ufológico, não seria de uma enorme transparência que ele fosse informado do fato de uma maneira séria?*

Pereira — Bem, vamos analisar isso. Mas, antes, veja que eu não estou defendendo isso não. Só que assuntos que podem gerar polêmicas devem ser tratados com cuidado. Há uma tendência geral para

que não sejam autorizados, e isso não é só na área militar não. Lembra do acidente do metrô de São Paulo, em 2007? Todos ligavam para a prefeitura e outros órgãos para saber detalhes e a resposta era “não estamos autorizados a comentar”. Tem que ser assim, porque se você fala com um órgão de imprensa, isso gera um problema com outro órgão de imprensa. Experimente falar alguma coisa para a *Folha de São Paulo* e não falar para *O Globo*. Pronto! Você arranja um inimigo sério, que é a turma do *O Globo*, ou vice-versa. Experimente falar para o *Jornal do Brasil* e não falar para nenhum outro. Então, as Forças Armadas – e o Governo em geral – ficam fora dessa guerra de imprensa.

UFO — *E qual seria, então, a forma ideal para se permitir o acesso às informações que o NPA-09 determina que permaneçam ocultas?*

Pereira — O ideal, neste e em qualquer outro caso, é convocar uma entrevista coletiva. De tal a tal hora, quem quiser que mande jornalistas para fazerem perguntas. Outra solução, quando se tem uma solicitação muito forte, é emitir uma nota oficial. Esse é o padrão que se recomenda. No entanto, notas oficiais foram completamente banalizadas no Brasil. E eu vi de perto essa desmoralização quando fui presidente da Infraero, durante o caos aéreo. Eu era contra e nunca assinei uma nota daquelas. Eu me recusava a assinar. Ora, cai um avião de 22 mil pés de altitude [*7.300 m*], morrem 152 pessoas e aí alguém publica uma nota oficial dizendo: “*Lamentamos informar que houve um acidente e que não sabemos o que o causou*”. Eu me recuso assinar uma coisa dessas, pois isso iria ficar na minha vida. Quer fazer uma nota oficial, então publica: “*Um avião caiu de 22 mil pés de altitude, resultando em 152 pessoas mortas. Não sabemos ainda as causas do acidente, mas os órgãos e pessoas tais foram nomeados para fazerem uma investigação e daqui a duas horas emitire-*



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

mos outro comunicado”. Uma nota decente é assim. Se não acontecer nada nessas duas horas, então deve dizer-se que nada de novo ocorreu até aquele momento, e não que “*não sabemos se há sobreviventes*”. Pelo amor de Deus, o primeiro militar que desceu lá, pegou o rádio, ligou e disse: “*Houve um massacre e nem formiga sobreviveu*”. Agora, as notas oficiais têm que ser bem elaboradas e feitas na hora dos fatos [*Enfático*].

UFO — *Os cientistas alegam que o problema da Ufologia está na ausência de provas. Suponhamos que em pouco tempo se consiga provar inequivocamente que seres de outros planetas estão realmente vindo aqui. O senhor estima que isso possa causar um impacto social, seja no campo científico, religioso, econômico, cultural, de todos os níveis, enfim?*

Pereira — Sem dúvida, caso algo assim realmente ocorra, muita coisa precisará ser revista.

A intromissão dos EUA

UFO — *O senhor tem conhecimento se o Brasil participa ou participou de algum movimento junto a países estrangeiros para tratar dos discos voadores?*

Pereira — Hoje, não. Mas já tratamos do assunto, nos velhos tempos, com os Estados Unidos. Atualmente, não há mais isso.

UFO — *Na época da Operação Prato surgiu a informação de que parte da decisão de encerrá-la deu-se devido ao aconselhamento que os militares brasileiros receberam dos norte-americanos, que estariam recebendo dados sobre seus resultados. É verdade?*

Pereira — É bem possível que sim. Naquela época, os norte-americanos “metiam o bedelho” em tudo. Até aconselhamento eles queriam nos dar.

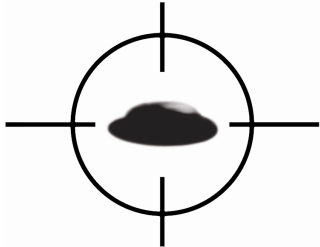
UFO — *Por exemplo, na questão da detecção de UFOs por radar ou de interceptações a eles feitas por caças supersônicos, os norte-americanos nunca determinaram ou sugeriram que medidas os brasileiros deveriam tomar?*

Pereira — Não, nunca. Mas essa troca de informações [*Com outros países*] ocorre e é voluntária. No caso dos Estados Unidos, existe uma organização chamada Sistema de Cooperação entre as Forças Aéreas Americanas (Sicofaa). Seus integrantes se reúnem uma vez por ano, em algum dos países participantes, para tratar de todos os tipos de assunto, desde o combate a traficantes até normas de higiene. No âmbito do Sicofaa, que tem um sistema de comunicação próprio, que é só dele, as coisas são muitas vezes tratadas entre comandantes. Por exemplo, o comandante da Aeronáutica Brasileira pega o telefone e consegue falar direto com o comandante da Força Aérea Norte-Americana (USAF), ou com qualquer outro comandante daquele sistema. No Sicofaa existe ampla liberdade para se tratar de todo e qualquer assunto que existir [*O Sicofaa foi criado em 1961 com o propósito de promover o apoio mútuo das Forças Aéreas dos países participantes*].

Diplomacia militar

UFO — *Qualquer assunto, inclusive discos voadores?*

Pereira — Eu presumo que sim. Hoje, naquele ambiente, creio que isso pode ser tratado sim. E não é só entre comandantes. O órgão tem várias comissões temáticas, como a de segurança de vôo, de logística, de tudo quanto é assunto, enfim. É uma coisa fabulosa, mas que não afeta as relações entre os países membros. Por exemplo, nesta briga recente entre a Colômbia, o Equador e a Venezuela, o sistema não foi afetado [*A Colômbia teria atacado um acampamento de guerrilheiros das Farc*,



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

supostamente apoiados pelo Equador e pela Venezuela, em território equatorial]. Os presidentes e políticos destes países se xingaram, se ofenderam, falaram isso e aquilo, mas os militares trataram do assunto no Sicofaa com profissionalismo e equilíbrio. É para isso que ele serve e eu o considero uma coisa importantíssima, uma espécie de seguro contra a guerra. Porque todo mundo acha que os militares gostam de fazer guerra, mas é o contrário. Os militares têm horror à guerra, porque são eles que morrem primeiro. Então, enquanto os presidentes e políticos se acusam, os militares trabalham pela paz, através de um diálogo garantido pelo Sicofaa.

UFO — *Ainda bem que este sistema existe, então.*

Pereira — Sem dúvida. Temos muitos exemplos de sua eficácia. Um caso não muito recente ocorreu na Amazônia e também envolveu a Colômbia e os guerrilheiros das Farc. O Exército colombiano precisou atacar os terroristas que estavam instalados em seu território, na cidade de Mitu, a poucos quilômetros da fronteira com o Brasil, mas não havia nenhuma pista de pouso para seus aviões descerem naquela área, e do lado brasileiro havia. Aí os colombianos pediram autorização para usar nossas pistas para realizarem uma missão humanitária no local. Veja bem, não pediram autorização para fazer operações de guerra no Território Brasileiro [*Enfático*]. Haveria muita gente ferida, como de fato houve, e a Colômbia não tinha como evacuar aquela gente. Na época eu era o comandante do Comdabra, e numa operação humanitária, se nós negássemos aquele tipo de pedido, a Cruz Vermelha e a ONU viriam em cima da gente. Então fui favorável e o ministro da Aeronáutica liberou o campo de pouso. Mas o Exército ficou “ouricado” e assumiu posição contrária, porque achava que aquilo ali era intromissão no Brasil. E o ministro do Exército – naquela época ainda existia estas figuras – deu uma ordem contrária

e mandou abrir fogo em cima de qualquer avião colombiano que se aproximasse, ao passo que a Aeronáutica autorizou os pousos.

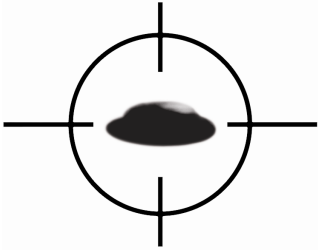
Atuação nos bastidores

UFO — *E o que aconteceu?*

Pereira — Bem, eu passei uma madrugada toda, junto do meu pessoal, tentando fazer com que os dois ministros conversassem e se entendessem. Mas naquela época as pessoas tinham medo de perturbar ministro, e meus comandados falavam: “*E aí, vamos acordar os ministros?*” Eu disse: “*Claro! Nossos pilotos estão acordados e voando para lá e para cá, cuidando da situação*”. Aí eu peguei o telefone e liguei para o general do Exército, comandante daquela região, que era meu amigo. “*Tu vai mesmo atirar nos caras?*”, perguntei. Ele respondeu que tinha recebido ordens do ministro para atirar e que iria cumprir. “*Mas meu pessoal lá vai errar todos os tiros*”, completou. E eu pensei: “*Ah, então manda fogo. Depois coloca a culpa nos soldados, que não aprenderam direito*” [*Risos*]. Aí fomos todo mundo dormir. Acabou que ninguém deu tiro algum. Mas aquela situação foi horrível. No entanto, seguindo procedimentos dos Sicofaa, tudo se resolveu logo depois.

UFO — *Desfecho bom, então...*

Pereira — Sim, tirando a atrocidade dos ataques, da quantidade de gente ferida e morta... Agora, naquela hora, os presidentes do Brasil e da Colômbia não souberam de nada dos bastidores disso e de como nós contornamos os fatos. Quando foram informados, já estava tudo resolvido. Nem o Itamarati, naquele momento, não soube qualquer coisa do que fizemos. Quando descobriu, os militares e médicos colombianos já tinham ido embora, e o feridos estavam todos socorridos. Agora, é bom ter amizades nos diversos setores do país, para con-



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

ter a ira dos políticos. Aliás, não só a ira dos políticos, mas a ira do modelo econômico também – e eu digo que é mais a ira econômica [A culpada por estes conflitos]. Onde tem interesse econômico, as coisas acontecem. Veja, se um dia a economia perceber que a Ufologia pode dar dinheiro, ela vai andar mais rápido.

UFO — *Nos Estados Unidos já existe um forte mercado em torno da Ufologia.*

Pereira — É, na hora que eles descobrirem que os UFOs podem fazer dinheiro... Eles podem até começar a fazer as revelações por causa disso. E aí vai aparecer o diabo de informações... [Rindo]

UFO — *Mas voltemos à Ufologia, brigadeiro. Naquela situação de 19 de maio de 1986, que os ufólogos chamam de “A Noite Oficial dos UFOs no Brasil”, os fatos que a envolveram foram considerados extremos pelos militares?*

Pereira — Sim, sem dúvida.

UFO — *Houve a detecção de uma “enxurrada” de objetos não identificados e imediatamente todo o Sistema de Defesa Aérea ficou em alerta. O coronel Ozires Silva estava voando num Xingu já próximo de Poços de Caldas (MG), quando os radares apontavam 21 UFOs sobre várias localidades, desde São Paulo ao Rio de Janeiro, incluindo partes de Goiás e Minas Gerais...*

Pereira — Eu me lembro disso. O Ozires já estava se aproximando de São José dos Campos (SP), para a descida no aeroporto de lá. Foi quando tudo começou...

UFO — *Na ocasião, logo nos dias seguintes ao fato, o próprio ministro da Aeronáutica na época, o brigadeiro Octávio Moreira Lima, foi à TV e deu um comunicado a respeito. Ele autorizou os controladores de voo e os pilotos dos caças envol-*

vidos na perseguição aos UFOs a falarem sobre o assunto, sem qualquer censura.

Pereira — Sim, eles deram uma coletiva.

UFO — *Porém, o ministro cometeu um pecado: ele prometeu um relatório oficial do fato para dali 30 dias...*

Pereira — Que nunca saiu...

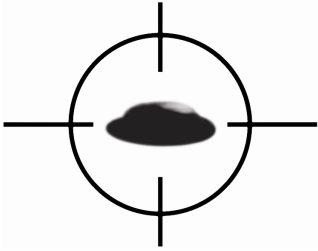
UFO — *Nunca, mas o relatório foi produzido. Só que a decisão de torná-lo público, conforme a promessa do ministro, foi anulada. Porém, fatos que ele conteria vazaram, como a informação de que eram de fato 21 UFOs de grandes proporções, de cerca de 100 m de diâmetro, que sobrevoaram o país.*

Pereira — Isso. Aquele relatório tinha mesmo que ser produzido, porque os aviões decolaram. Toda situação em que um avião decola fora do plano de ensino ou de treinamento da Força Aérea tem que gerar um relatório. E se aquela coisa aconteceu, você tem que prestar contas. Então, de qualquer forma tinha que haver um relatório. E realmente eu nunca tomei conhecimento dele, mas certamente ele foi produzido e por alguma razão o ministro decidiu não revelá-lo.

Confirmação decisiva

UFO — *Naquela ocasião, nós obtivemos informações sobre o fato através de um piloto da Presidência da República, que viu esse relatório e “vazou” alguns detalhes. Houve algum movimento, boato ou rumor sobre ele nos quartéis?*

Pereira — Olhem, amigos, com toda sinceridade, eu volto àquela questão inicial. Aconteceu? Sim. Os pilotos viram? Sim. Os radares detectaram? Sim. Ozires viu? Sim. Pilotos em aviões comerciais viram? Sim. Os horários [Das observações] coincidem? Sim. As trajetórias [Dos objetos



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

observados] coincidem? Sim. Tudo isso foi analisado tecnicamente. E então, aconteceu? Sim, aconteceu [*Enfático*]. Um dos principais pontos daquilo foi que houve detecção pelos radares de bordo das aeronaves. Sim, houve! E um contato com radar de bordo simultaneamente com o contato com radar de terra é a maior das confirmações. Os radares de bordo das aeronaves trabalham na faixa das microondas, que é muito pequena, e os radares de terra trabalham numa faixa muito maior. Então, não há possibilidade de confusão ou de engano. Mas aí vem a pergunta de novo: e daí? O que eram aqueles objetos? Ninguém sabe! Se não era um ataque de aviões estrangeiros...

UFO — *Então eram objetos voadores não identificados...*

Pereira — Sim, objetos voadores não identificados.

UFO — *Mas o que aquele episódio representou para o meio militar? Alguns ufólogos chegaram a chamá-lo de invasão. Afinal, foram 21 UFOs de 100 m de diâmetro cada, ou seja, do tamanho de um Boeing ou maior. Isso não gerou um medo, um sinal de alerta?*

Pereira — Não, não. Talvez porque a cabeça dos militares funcione de outra forma. Na época, o que os militares disseram? Que aconteceu, sim. Mas qual foi a resposta [*A reação*] da Defesa Aérea? [*A reação foi a de que*] Os aviões decolaram e em menos de dois minutos estavam lá. Os aviões estavam armados? Estavam armados. Tinham mísseis? Tinham sim.

UFO — *Eles estavam armados por alguma razão especial ou por ser de praxe?*

Pereira — Estavam armados por razões normais. Eles estão sempre armados, mas com armamento de tempo de paz, ou seja, com apenas

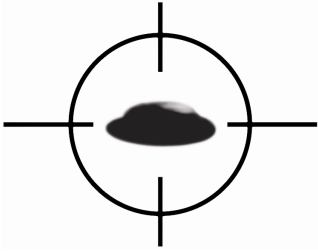
dois mísseis, coisa pequena. Os pilotos tinham treinamento adequado e os radares entraram em potência máxima, coisa que geralmente não ocorre. Nenhum radar trabalha em potência máxima, que é para economizar energia e o próprio aparelho. Então nós os mantemos em 70 ou 80%. Mas, naquela noite, após a decolagem dos caças, a potência foi aumentada para permitir melhor alcance. Assim, tudo o que estava previsto no regulamento militar foi cumprido. Nós fizemos a nossa parte, e cabeça de militar funciona assim. Nenhuma comunicação falhou, os aviões pousaram em segurança, os pilotos nada sofreram. Então, missão cumprida! [*Firme*] Veja, quando um general perde a guerra, ele se questiona: “Por que eu perdi a minha guerra, o que fiz de errado?”. Ele nunca diz que o inimigo era mais inteligente, mas apenas que era mais forte e pronto, está justificado. Então, na época, e eu me lembro bem disso, nossa preocupação quanto a este caso era saber se havíamos feito a nossa parte. Caso contrário, iríamos nos perguntar: “Vem cá, onde foi que nós erramos?”

UFO — *Então, por que aquele relatório não foi divulgado?*

Pereira — Provavelmente por alguma questão política, aquele maldito medo do pânico. Se pensava assim na época: “E se a população soubesse disso? Todo mundo vai entrar em pânico!”

UFO — *E mesmo assim, apenas no âmbito dos militares ou do Governo, não houve um questionamento sobre aquela invasão?*

Pereira — Não. Garanto a você que esse sentimento nunca surgiu. Agora, o sentimento de que fizemos a nossa parte, sim. E de que não houve falha em nossa reação, também. Se aqueles objetos fossem parte de aviação inimiga, ela teria levado “um pau” naquela noite. Ah, tinha. E você conseguir retardar um primeiro ataque é muito importan-



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

te. Mas não era o caso, pois o país não estava sofrendo absolutamente ameaça alguma.

UFO — *Brigadeiro, de três décadas para cá, várias nações têm admitido que os UFOs são reais e representam visitas de espécies inteligentes à Terra, e que devem ser tratadas seriamente. O primeiro país foi a França, em 1976, que acabou de publicar 100 mil páginas de documentos na internet. Depois, na América do Sul, o Uruguai admitiu os UFOs em 1979 e o Chile, em 1997. Agora, recentemente, o Peru e o Equador fizeram o mesmo. O que o senhor pensa sobre a atitude destes países?*

Pereira — Eu acho que tal atitude é uma ação pragmática, em reconhecimento de fatos. Nenhum dos países que você citou é irresponsável. São todos sérios e de diferentes níveis de progresso. E países sérios, quando admitem alguma coisa, têm que ser levados a sério. Soberanamente, ninguém os obrigou a reconhecer coisa alguma, e a comunidade internacional tem que reconhecer isso.

Abertura gradativa

UFO — *Além deles, Bélgica, Espanha, China e Rússia, inclusive durante o comunismo, e mais recentemente o México, em 2005, ensaiaram uma abertura ufológica. Quase todos estes países tomaram tal atitude depois que algum avistamento muito forte aconteceu em seus territórios. No Chile houve um fato significativo sobre o Deserto do Atacama, em Punta Arenas e Santiago. No Peru, foi uma onda ufológica ocorrida há alguns anos, inclusive sobre Lima. No Uruguai, foram inúmeros casos sobre diversas cidades, até em Montevideú. Mas e aqui no Brasil, um caso como a Noite Oficial dos UFOs, de 1986, não poderia ter sido o estopim para uma ação semelhante?*

Pereira — Isso nos remete de novo a perguntas anteriores. Veja, quando não se acha uma

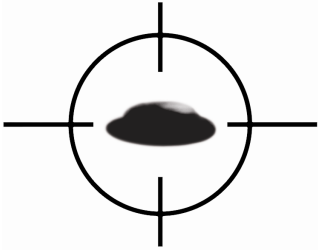
explicação para um caso, você o arquiva. Aparentemente, nestes países também não se achou a explicação, mas a solução encontrada não foi a de arquivar, e sim a de admitir a existência de algo — embora sem uma explicação formal do que é este algo. Foi isso o que estes países fizeram. Em vez de arquivarem os fatos, admitiram sua existência. Agora, o que são tais fatos, esta é outra questão...

UFO — *Nosso vizinho mais próximo a reconhecer os UFOs é o Uruguai, desde 1979, quando foi criada, dentro da Força Aérea Uruguiaia, a Comissão Receptadora e Investigadora de Denúncias de Objetos Voadores Não Identificados (Cridovni). Em algum momento o Brasil trocou informação sobre UFOs com este país?*

Pereira — Que eu saiba, não. Apenas com os Estados Unidos, e somente durante a época da Guerra Fria, porque os norte-americanos se metiam em tudo.

UFO — *Mas se houve troca de informações com os norte-americanos apenas até o fim da Guerra Fria, nos anos 80, como é que militares e até médicos dos EUA estiveram presentes no levantamento do Caso Varginha, que ocorreu em 1996? Nós sabemos que os norte-americanos estiveram lá e participaram de várias manobras, que resultaram no envio de parte dos destroços da nave acidentada e dos corpos de seus tripulantes, já mortos, para os EUA. Isso ocorreu 16 anos depois de acabar a Guerra Fria.*

Pereira — Mas veja bem, quando eu falo em Guerra Fria, eu me refiro aos contatos oficiais, aqueles que são feitos de governo a governo, num nível muito alto. Em casos específicos, pontuais, a coisa é diferente. Os norte-americanos atuam noutros países quando têm interesse em saber de alguma coisa. Aliás, todos os países atuam nos outros, até mesmo nós, quando há interesse por algo. E isso pode ser feito num terreno diplomático.



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

UFO — *Apenas poucas semanas depois do Caso Varginha, numa coincidência muito estranha, esteve no país o diretor da NASA, Daniel Goldin. As agências espaciais do Brasil e dos Estados Unidos assinaram então um acordo inédito de cooperação aeroespacial. Os ufólogos argumentam que isso foi apenas um pretexto para acobertar a ação norte-americana no episódio...*

Pereira — Este é o tipo de manobra que a gente conhece como “Operação Guarda-Chuva”, ou seja, a partir dali, pode chover que estamos garantidos.

UFO — *Realmente. Mas por sorte, e com muito esforço, os ufólogos brasileiros conseguiram em tempo recorde levantar o máximo de informações sobre o Caso Varginha, antes de os militares iniciarem as operações de acobertamento, que perduram até hoje. Felizmente, nós todos tínhamos naquela cidade, residindo a menos de três quilômetros do local onde os ETs foram vistos e capturados, naquela manhã de 20 de janeiro de 1996, um dos pesquisadores mais sérios e experientes do país, o então co-editor da Revista UFO Ubirajara Franco Rodrigues. Ele, atento e rápido, conseguiu iniciar as pesquisas imediatamente e avisou todos os principais ufólogos do país, que compareceram na cidade nos dias seguintes. O senhor acompanhou este caso?*

Pereira — O episódio de Varginha é um dos que eu menos conheço [*Lamentando*]. O que eu sei sobre ele é o que li na imprensa não especializada, e você não pode acreditar muito nela, porque ela é censurada de alguma forma. A Revista UFO não tem autocensura, mas *O Globo* tem, *A Folha de São Paulo* tem, *O Estado de Minas* tem. Muita coisa [*Sobre Varginha*] não foi dita, até porque a imprensa não tinha acesso às informações. E outra coisa: o editor de um jornal primeiro analisa o poder econômico do assunto

que está por publicar. Seu pensamento é: “Isso vende ou não vende o jornal? Se não vende, não vou gastar meu espaço com isso”.

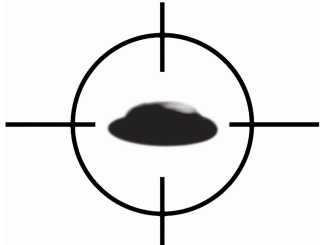
Silêncio sobre Varginha

UFO — *De fato, nada foi dito pela imprensa não especializada sobre norte-americanos em Varginha, naquela época...*

Pereira — É como eu disse, eles se metem em tudo. Parece que o governo dos EUA quer uma guerra mundial e ideológica. E até hoje eles continuam se metendo, mas em casos pontuais, naquela situação em que um embaixador norte-americano “enche o saco” de todo mundo no país em que está servindo. Neste “rolo” com a Espanha, agora, eles já se meteram. Ora, o que têm a ver turistas baianos barrados em Madri e turistas espanhóis barrados em Salvador no Brasil com os norte-americanos? Nada, mas eles já se meteram [*Indignado*]. Metem o “bedelho” onde não são chamados. Mas eles estão certos e nós é que estamos errados. Nós temos que meter o nosso “bedelho” em tudo também. Ou seja, mexeu conosco, temos que reagir...

UFO — *Brigadeiro, em relação à posição dos países que admitiram os UFOs, que já discutimos, o senhor acha que poderia haver uma atitude semelhante por parte do Governo Brasileiro, de assumir que os UFOs existem e que devem ser investigados? O senhor acha que há clima, hoje, para que os documentos secretos sejam abertos?*

Pereira — Eu acho que o que mais há no Brasil hoje é clima para se abrir arquivo! [*Decisivo*]. Aliás, eu acho que a população brasileira está ansiosa por transparência, de todo e qualquer tipo, inclusive ufológica. A sociedade, por exemplo, não agüenta mais ser surpreendida por operações da Polícia Federal todos os dias. Tudo acontece às claras. Agora diminuiu um pouco, mas há algum tempo



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

todo mundo ficava esperando a revista do fim de semana para ver as novas operações. Veja, a CGU [Controladoria Geral da República], que é um órgão do Governo, tem em seus arquivos tudo que a dona Matilde [Ribeiro, ex-ministra da Igualdade Racial] comprou com o cartão corporativo. Está tudo lá no portal da CGU na internet, até a tapioca do ministro já estava lá antes de vir a público...

UFO — *E apesar disso, os arquivos ufológicos continuam inacessíveis ao cidadão...*

Pereira — Sim. Agora, dá para acreditar num país assim?! Ora, há muito mais segredo na tapioca do ministro, que, no entanto, foi escancarada, do que na questão dos discos voadores [Perplexo]. A tapioca do ministro escandalizou o país, mas a Ufologia [Mostrando a Revista UFO que lhe foi entregue] não vai provocar nada, a não ser despertar um interesse científico seríssimo. Ou seja, tem que haver transparência. Não há nenhuma razão para continuar escondendo [Muito enfático]. Bem, mas daí fazer a mesma coisa que a França fez, de aceitar oficialmente os UFOs, há uma certa distância. Mas o primeiro passo para você aceitar oficialmente os UFOs, como a França fez, é haver transparência. Ora, existe esta coisa dos arquivos serem secretos. Assim, ninguém vai acreditar neles...

UFO — *Então o senhor crê que, se os arquivos forem liberados...*

Pereira — Seria o primeiro passo para você avançar.

UFO — *O senhor não acredita numa reação de pânico por parte da população, se os arquivos forem liberados?*

Pereira — Nenhuma, de jeito nenhum, nada [Muito enfático]. Aliás, se existe um país que não entra em pânico, é o Brasil. É capaz até de alguém fazer um sambinha para comemorar [Risos]...

UFO — *Se o senhor fosse consultado pelo Governo ou pelo meio militar, aconselharia a abertura dos arquivos?*

Pereira — Total! [Muito enfático] Aconselharia a abertura de todo e qualquer arquivo, mas com aquelas quatro restrições que já comentei. Primeiro, deve-se proteger a privacidade das pessoas eventualmente citadas nos documentos. Segundo, não podemos tornar públicos elementos que possam gerar pânico incontrolável e danos à população. Terceiro, é essencial resguardar segredos do passado que, se revelados agora, poderiam reacender feridas e criar problemas diplomáticos, militares ou econômicos do país. E, quarto, temos que garantir a manutenção de segredos militares, econômicos e estratégicos do país, que, se expostos, poderiam fazer com que o concorrente nos derrube, que a moeda caia ou que os militares percam um eventual planejamento. Não havendo qualquer destas coisas que impeça, então revela tudo. E a questão ufológica não se encaixa em nenhum destes riscos. Ou seja, não há porque se manter o segredo.

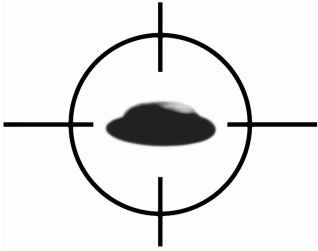
UFO — *O senhor acredita que, ainda que com um posicionamento favorável por parte do meio militar brasileiro, a questão dos discos voadores ainda possa ser mantida oculta por alguma imposição internacional, em especial a norte-americana?*

Pereira — Não, com certeza não. Não acredito nisso.

Política do “deixa quieto”

UFO — *Ou talvez porque a questão possa não ser uma prioridade do Governo Brasileiro, que assim prefere não fazer nada a respeito?*

Pereira — Talvez por uma questão de tradição cultural. “Para que vamos mexer nisso?”, pode pensar alguém do Governo. E ainda tem toda aque-



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

la acomodação da burocracia, que é muito forte no Brasil. Os burocratas não querem mudar nada. “Vale a pena mexer nesse negócio?”, perguntaria outra pessoa. Não, então “deixa quieto”, entendeu? Infelizmente, isso atrasa a Nação, porque “deixar quieto” os arquivos ufológicos pressupõe “deixar quieto” também muitas outras coisas que poderiam ser lançadas ao público.

UFO — *O senhor está informado da campanha UFOs: Liberdade de Informação Já, que lançamos em 2004, e dos resultados que ela gerou em 20 de maio de 2005, com o primeiro encontro oficial entre a Aeronáutica e os pesquisadores da Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU). Nós fomos recebidos no Cindacta e no Comdabra, que o senhor comandou, por vários oficiais, mas principalmente pelo major Antônio Lorenzo, que era o porta-voz do órgão e fez o contato telefônico comigo, e pelos brigadeiros Telles Ribeiro e Atheneu Azambuja. Todos foram unânimes e repetiram várias vezes que o comandante da Aeronáutica havia dado ordem a eles para abrirem todas as portas para nós, mostrarem todos os arquivos, responderem a todas as perguntas etc. Só que não foi bem assim que aconteceu. Apesar da boa vontade dos oficiais, apenas algumas portas foram abertas e três arquivos foram mostrados, e ainda assim parcialmente. Pareceu que a Aeronáutica queria apenas nos dar uma satisfação imediata, do tipo “Agora vocês estão satisfeitos? Tiveram o que vocês queriam? Então, parem de incomodar”. Esta nossa impressão procede?*

Pereira — Antes de qualquer coisa, deixe dizer que o Lorenzo é um grande oficial de relações públicas. Agora, se a impressão procede eu não sei. Mas você pode escrever aí: minha posição é de abertura total de todos os arquivos. E quando eu digo total, eu digo fazer isso sem análise do material, até porque já não há mais o que analisar hoje.

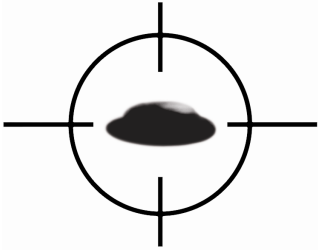
Mas como será feita interpretação disso [*Dos dados nos documentos*], como vai ser dirigida [*A investigação que vocês vão fazer*], é outra coisa. De qualquer forma, acho que a questão dos discos voadores, depois da abertura, não seria mais apenas dos ufólogos. Ela terá que ser de toda a Nação, não só da Ufologia. Quem mais tem interesse nesta abertura? Astrofísicos, astrônomos, geólogos, aviadores, meteorologistas etc.

UFO — *Se houver essa abertura, como o senhor imagina que ela aconteceria? Eu pergunto porque, certamente, os militares não vão chamar os ufólogos e simplesmente dar os documentos a eles e pronto. E nem tampouco é isso que nós esperamos que aconteça...*

Pereira — Eu imagino que eles vão colocar o material no Arquivo Nacional. A melhor maneira de abrir alguma coisa é colocando esta coisa à disposição da Nação no Arquivo Nacional [*Criado em 1838, é o órgão central do Sistema de Gestão de Documentos de Arquivos do Governo Brasileiro, integrante da estrutura básica da Casa Civil da Presidência da República*].

UFO — *Naquela nossa visita ao Comdabra, nós entregamos ao brigadeiro Telles Ribeiro três correspondências, uma dirigida ao comandante da Aeronáutica, outra ao ministro da Defesa e mais uma ao presidente Lula. Nelas, nós solicitávamos a abertura dos arquivos ufológicos e o estabelecimento de uma comissão mista de ufólogos, militares e, talvez, até de cientistas para pesquisarem os UFOs. Mas nunca tivemos resposta, apesar do brigadeiro Telles Ribeiro garantir que entregaria as cartas “amanhã mesmo” para os destinatários. Por quê?*

Pereira — Acho que foi por causa daquela época. Aquele momento da história não permitiu que isso acontecesse. Hoje o momento é outro. Eu não diria que é ótimo, mas é muito



Comissão Brasileira de Ufólogos (CBU)

UFOs: Liberdade de Informações Já

melhor do que naquela época. Até porque, hoje as palavras transparência e abertura estão na moda, e naquela época não estavam. Ainda não haviam acontecido tantos escândalos, o mensa-lão ainda não tinha aparecido...

UFO — *Se esta comissão for criada, o senhor aceitaria fazer parte dela?*

Pereira — Se ela for uma comissão não governamental, eu aceitaria como cidadão, como colaborador. Agora, enfatizo que tem que ser não governamental. Porque, se for governamental, aí danou [*Lamentando*].

UFO — O senhor conhece algum outro militar graduado que tenha uma posição semelhante à sua e com quem nós poderíamos também conversar para pedir apoio à nossa campanha?

Pereira — Olhe, todo mundo tem medo de falar. Militar na ativa hoje não fala mais. Pode até pensar, mas não fala. Mas o pessoal da reserva, sim. Eu vou falar com alguns colegas, para ver como está o sentimento da tropa quanto a esta coisa toda [*Citou o nome de dois oficiais do Sistema de Defesa Aérea, um na ativa e outro na reserva, que tiveram seus nomes resguardados até que se estabeleça contato com os mesmos. Um deles teria tido uma experiência ufológica de grandes proporções*].

UFO — *Isso irá nos ajudar muito, obrigado. Nós estamos tentando contatar o máximo possível de militares para auxiliarem no processo de abertura, a fim de que, se ela ocorrer, nós possamos dar às pessoas as respostas que elas pedem sobre o Fenômeno UFO.*

Pereira — Contem comigo para o que precisarem. Eu estou pronto para ajudar vocês, e deixe claro o que eu penso sobre a abertura ufológica. Vocês têm o meu endereço e todos os meus telefones e endereços de e-mail.

Engajamento na Ufologia

UFO — *Na primeira ocasião que nos encontramos no Comdabra, em 20 de maio de 2005, nós lhe demos algumas revistas e o senhor falou que era leitor da Revista UFO. Continua?*

Pereira — Sim, o jornaleiro perto de minha casa não recebe a revista, mas eu a compro na banca do aeroporto ou da rodoviária de Brasília. Faz tempo que eu a leio. Eu não vou dizer que sou leitor religioso da UFO, mas sempre compro. Só que, engraçado, às vezes você não a encontra na banca da rodoviária de Brasília, porque ela acaba rápido. Parece que tem mais gente que gosta dela...

UFO — *Temos dois convites para lhe fazer. Primeiro, o senhor aceitaria comparecer e fazer uma conferência no próximo grande evento que teremos, o 36º Congresso Brasileiro de Ufologia Científica, que ocorrerá em Curitiba, de 22 a 25 de maio?*

Pereira — Certamente. Agradeço muito o convite e farei de tudo para estar presente.

UFO — *E segundo, o senhor aceitaria tomar parte do corpo internacional de personalidades civis e militares de diversos países, que se reúne eventualmente em Washington, nos Estados Unidos, para solicitar aos governos, em alto nível, a abertura de seus arquivos?*

Pereira — Bem, desta atividade não sei agora se poderei participar, mas do congresso de Curitiba é certeza que eu vou.

UFO — *E para finalizar, o senhor pretende continuar lendo a Revista UFO?*

Pereira — Claro, a UFO é a referência que nós temos no Brasil quando o assunto é Ufologia.